

UMA OPERAÇÃO DELICADA QUE A PRIMAVERA, PRESTES A BATER A PORTA, RECONCILIA COM A LEVEZA DA INDUMENTÁRIA...

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

ANO VI-N.º 200 15 DE MARÇO DE 1945
PREÇO AVULSO 1\$80



UM LINDO SONHO DE MULHER...



...POSSUIR UMA COSINHA MODERNA COMPLETA

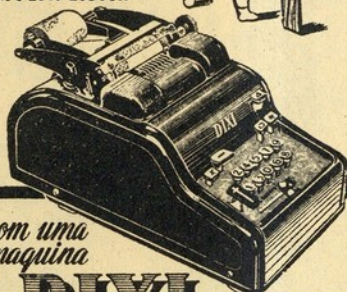
DA

FABRICA PORTUGAL

PRACA DOS RESTAURADORES, 37-49 - TELE. 2 4948

Não há calculos difíceis!

SOMAR
SUBTRAIR
MULTIPLICAR



Com uma
maquina

DIXI

CONSTITUI UM VERDADEIRO PRAZER EFECTUAR ESTAS FASTIDIOSAS OPERAÇÕES QUE SÃO DE USO DIÁRIO EM TODOS OS ESCRITÓRIOS MODERNOS. ALÉM DISSO A MÁQUINA "DIXI" REGISTA NO PAPEL TÓDAS AS OPERAÇÕES QUE EFECTUA. VEX. TEM ASSIM UM CONTROLE ESCRITO E PERMANENTE DE TODOS OS VOSSOS CÁLCULOS.

DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:

SUL: AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
RUA DOS FANQUEIROS, 250, 2.º E LISBOA
NORTE: SANCHEZ & NETO, LDA.
RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 310, 2.º PÓRTO

*Móveis
Decorações*

EXECUTAM-SE DECORAÇÕES A RIGOR

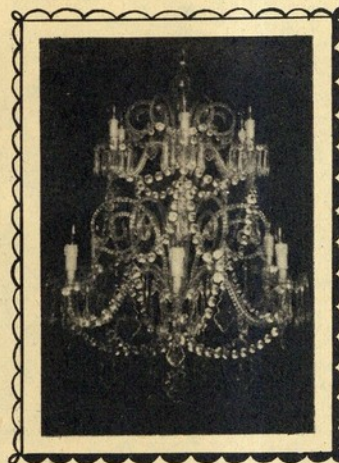


PARA MOBILAR O SEU
LAR COM DISTINÇÃO
VISITE OS

**ARMAZÉNS DA RUA DA PALMA
DE LOPES & PINTO, L.ª**

RUA DA PALMA, 118-124 - LISBOA - TELEF.: 2 8551

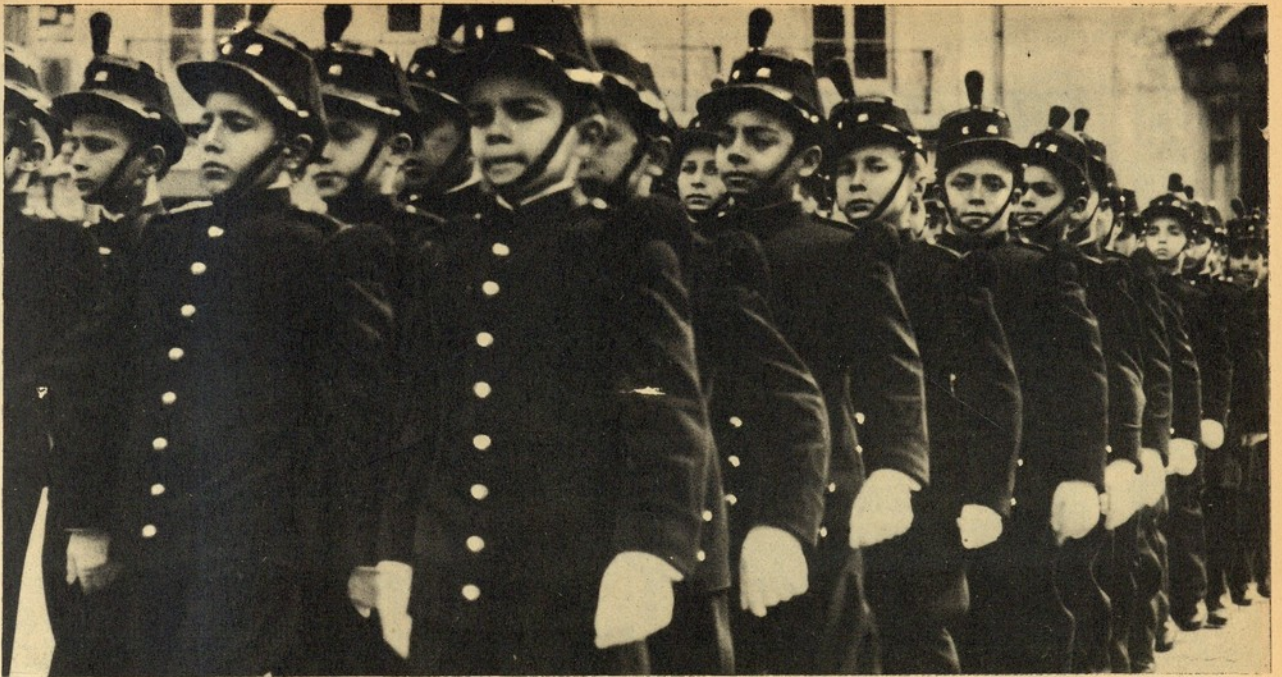
★ LUSTRES ★



APLIQUES ★ CASTIÇAIS ★ ABAT-
JOURS ★ CANDELABRÓS ★ CÂNDIEI-
ROS DE MESA ★ RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (ÁR. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497



CENTO e quarenta e dois anos, na formação de várias gerações de fiéis servidores da pátria — foi o que, recentemente, festejou o Colégio Militar. Os «Meninos da Luz» viveram a sua hora de luminosa alegria, comeram arroz doce, deram um baile — e, primeiro que tudo, praticaram os seus deveres de briosos cidadãos, indo ajoelhar aos pés de Deus e passaram em desfile pela Avenida da Liberdade; brilharam na parada, em homenagem ao fundador do Colégio, receberam os prêmios — os que se classificaram no campeonato escolar — fizeram desporto, alegraram-se com a inauguração do tanque de remo e confraternizaram com a Liga dos Antigos Alunos que, pela primeira vez, oficialmente, tomou parte nas festas escolares.

EU CONHECI "MADAME" DAUDET

FOI na Primavera de 1940. Essa Primavera tão carregada de inquietações. Alguns íntimos da família Daudet — Chandelot estavam reunidos no átrio da igreja de Santa Clotilde, à espera de uma neta do autor de «Lettres de mon moulin». Devia casar-se nesse dia. Inquietos com a demora, os convidados perguntavam-se o que poderia ter acontecido à jovem noiva. Mas depressa fomos informados: a senhora Alphonse Daudet, retirada no seu castelo de Tourainne, desde o começo da guerra, por causa dos bombardeamentos de Paris, finara-se nessa noite. Chamada telefonicamente, pela madrugada, a noiva teve de trocar o seu vestido branco por um vestido de luto e tomar o primeiro meio de transporte que encontrou...

* * *

«Madame Daudet já não existe!» Nunca mais se reabririam os salões da rua Bellechasse, onde todas as tertãs-feiras recebia...

Sentada, muito direita, num canapé forrado de sedas antigas com tintas esmaecidas, vestida de um longo vestido de cetim cinzento-pérola, as espaldas e o pescoço envoltos de tule, malva, muito «coquettes», a querer mostrar conservar os vestígios da sua juventude, teimando em aureolar os seus 89 anos de cabelos brancos... Estendia uma pequenina mão carnuda e muito branca aos «habitués» do seu dia, como se diz em Paris.

O grande salão da velha residência havia mais de um quarto de século, estava como que envolto numa doce atmosfera. Nas paredes, quadros de Claude Monet, de Manet, de Carrière, representando Alphonse Daudet, sua jovem esposa e os seus três filhos que freqüentavam, também, a casa da Rua de Bellechasse. Quando se entrava em casa da senhora Daudet, como que se sentia a impressão de se ter entrado no século anterior. Nada de moderno — nem mesmo o barulho do «claxom» — nada que perturbasse este passado recente, todo vibrante, ainda, da alma do grande ausernte.

Madame Daudet sabia que eu sempre acompanhava meu marido nas suas conferências pela Europa. De modo que,

(Continua na pág. 16)

PERSONALIDADE DE ALFAIATE

O que é a personalidade? É o talhe do alfaiate exteriormente. Bem vincado, impecável no cheviote, lustroso no calçado, ondulado no cabelo, escanhado nas faces, eis um homem com personalidade. Muitos são, porém, como os brinqueados de luxo: rolam com corda.

A hodierna sociedade, onde o frívolo assentou arraisais, inventou este palavão, tão em moda, que até as garotas cinéfilas, vazias e supérfluas, o sabem empregar a torto e a direito.

A propósito disso, ainda há dias, num eléctrico, duas estouvadas cabecinhas louras falavam de alto, dos jójós e fujus do veraneio. E tinham, volta e meia, este desabafo sincero: — Oh filha! O Joca não tem personalidade!

Distráido, fiquei a ver um «Joca» de grande coração, imberbe e maclento, cheio de espíritos, sabendo melhor o ritmo do «swing» do que as traduções de latim. E quasi, para mim, dava razão a estas rapariguinhas modernistas, que andam a fumar por snobismo, traçam a perna desastrada e ridiculamente, mas que quando pensam em arranjar um homem pedem dinheiro emprestado à mamã para um anúncio no jornal.

Sim, na verdade o «swing» muda de moda. O que elas desejam é um homem menos posítico, que não saiba bailar — e tenha horror às casas de chá. Ora a essa forma é que as «meninas bem» chamam personalidade. É um homem que se engraxa em casa, que não bebe alcool, que não fuma, que despreza a brilhantina — forte e viril — e que atravessa o Chiado sisudo, metido consigo, levando debaixo do braço livros e jornais.

Qualquer maltez pode vestir dum alfaiate chique e trazer livros para vista. Veja-se os que mal soletram o português e se ufanam de desdobrar, no «eléctrico», o «Times», no artigo de fundo. Se o alfaiate pode dar personalidade a qualquer cavaleiro — mesmo o que assine de cruz — deduz-se daqui, claramente, que ela só existe no exterior.

O bronco, dourado pelos negócios chorudos, tem, por isso, personalidade, exactamente como qualquer estudioso; e o volframista pode orgulhar-se dela, como os académicos. É evidente que o sábio que atravessa as ruas, anónimo e descuidado, com o fato vulgar de burguês — hoje ninguém usa casquinhas de veludo ou sapatos de fivela — se não fôr preidente e não puser sobre o tóuço este simples aviso: «Eu tenho personalidade» — o po-

lícia o atropela e é autoado se cuspir no chão. A lei não exclue nem faz parágrafos únicos para estes casos.

Há pessoas que, mal vêem um retrato, fazem cara de psicólogos de trazer por casa e atiram logo: «Sim, senhor, tem personalidade!».

Personalidade em qué? Na «pose» fotográfica, evidentemente. Porque essa coisa de ler no rosto — é uma arte habilidosa ao jeito da cigangagem, que lê na palma da mão o futuro. Faz-se, por consequência, uma grande confusão com este termo de personalidade, agora tão em moda.

No entanto, ela existe — e revela-se num acto, numa atitude, numa frase.

É mais subjectiva, pertence mais ao espírito que ao melhor alfaiate. Um dia perguntaram a um conhecido escritor, a respeito dum novel ensaísta:

— Conhece fulano? Dizem-me que tem personalidade!

Ao que o grande romancista retorquiu: — Só tem personalidade? É pouco... Preferia que me trouxesse os livros, para o conhecer.

É que a personalidade, para ser reconhecida, precisa duma certidão...

MANUEL MARTINHO



Um notável trabalho de Pierre Goemare

CONFORME temos vindo anunciando, é já no próximo número que iniciamos a publicação de uma notável série de artigos, subscritos pelo ilustre escritor e historiador belga, sr. Pierre Goemare, subordinados ao título de: «Espões de guerras».

São dezóito artigos, de um notável interesse, escritos num estilo elegantíssimo e que constituirão um belo volume sobre a história da espionagem no mundo, as razões espirituais e materiais que a movem, os estranhos motivos morais que as condenam.



Na foto grande, a mesma à esquerda, querida bailarina Br. zalema, tão conhecida do público português, tão castiça, tão graciosa de atitudes e chama artístico; e alto, nas fotos da direita e da esquerda, dois das muitas academias de baile madrilenas, tão características, tão diferentes de quaisquer outras de todo o mundo!



Miguel de Molina, aluno de Monreal, não esquece, mesmo de Buenos Aires, que é ao mestre que deve muitos dos êxitos.



S. Monreal, que nos cedeu as fotos desta reportagem, um dos «grandes» de Espanha bailadeira e cantadeira, foi o mestre dos grandes nomes de cartaz.



NASCIMENTO E VIDA DO BAILE ESPANHOL

AS ACADEMIAS POPULARES DE MADRID

O baile, em todos os tempos, tem sido sempre a representação simbólica da vida... E as danças religiosas da antiguidade, como as dos nossos dias, estavam imbuidas de um misto de receio e piedade em face da divindade a quemurgia conquistar graças. A completar aquelas, ou talvez, quem sabe, como satisfação à necessidade espiritual de sintetizar em gestos e esgaras mímicos os mais profundos sentimentos de belicoidade, os homens da tribo criaram o baile guerreiro para comemorarem triunfos ou para se incutirem mais ardor e coragem... E era com esta finalidade que os tupis faziam soar os seus pandeiros de pele de cobra convocando os guerreiros para o baile e para o solene «fogo do conselho». Com o mesmo fim se reuniam os belos incas, adoradores do Sol — e cantando e bailando, cadenciadamente, erguliam, de quando em quando, feitos de guerra, a traduzirem ódio e raiva, contra os invasores brancos do seu magnífico império... E os «peles-vermelhas», caras angulosas cortadas de traços de côres vistosas, ballavam ainda não há muitos séculos a dança dos búfalos, alçando os seus temíveis machados sempre que um bruto uivante do chefe lhes recordava os «erostos pálidos» desembracados de grandes tendas flutuantes... E em todos os continentes, nas regiões ainda não visitadas pela Civilização, na Índia paradoxal como nas luxuriantes ilhas do Pacífico, em África como nas estepes da Ásia a dança religiosa e guerreira fazia parte integrante da vida e era sua filosofia ritmada...

Mas foram talvez os negros — homens a quem o clima tropical roubou alento de espírito e estimulou medonhamente a sensualidade — quem, através das escaldantes areias do Sahara ou pelo Vale do Nilo, em grandes caravanas de escravos, trouxe, há séculos, para o norte de África, então fenício, e para a Inquieta Arábia a tradição sensual das danças eróticas, das danças per-turbadoras... tendo em conta que os helenos ballavam já antes da era cristã mais por Arte, cultivando a harmonia das atitudes estéticas, que por exaltação sexual. A coreografia pornográfica que lugar-comum é hoje querer ver em todas as manifestações artísticas dos gregos, só teve realce na Grécia em épocas decadentes de hegemonia ateniense.

Foi, segundo creio, à etnografia árabe, com a expansão do Império Otomano por todo o norte de África e Península Ibérica, que a Europa Medieval foi buscar o costume dos bailes e ballados de entretem para festas e folganças pagãs — postas à margem, por decôro cristão, sensualismos quentes de danças de harém, ainda hoje um facto nesses alcaçares de legenda do pacífico Marrocos de belos salões e lindas mulheres de estranha beleza rescedente de incenso e mirra...

No século XV, com a conquista do Califado de Granada pelos Reis Católicos, toda a Espanha sofre mais ou menos a influência dos costumes mouros, dado que grande parte da população do reino mahometano adere à fé cristã a fim de continuar a viver no sul peninsular.

E a influência folclórica das gentes do sul sobre as populações do centro deve ter sido enorme originando novos bailes e cantares em que a arrogância castelhana se mescla com a altivez e sensualismo dos mouros cristianizados.

Nesta aceitável hipótese deve residir a explicação de se verem ficar em todos os restantes povos da Europa, ballados simples de uma graciosidade ingénua ao passo que, entre os espanhóis, de uma espectacularidade de frisantemente nos do sul, se constata a espectacularidade de danças ardentes em que a parte bela da vida, o amor, se desdobra em todas as suas idílicas fases até ao esplendoroso final — a submissão da mulher...

Presentemente, as bailarinas espanholas, talvez melhor: andaluzas, a quem o sangue cigano incutiu novos alentos orientais, revivem ainda, agora fartamente enroupadas, toda a simbologia amorosa dos serralhos marroquinos que olhos europeus discretos, a ocultas, podem vislumbrar nessas terras de paradoxo e lendas que o grande Atlas protege ao sul.

Mas o baile andaluz não o fechou adentro de um exclusivismo de imitação. Não. Com o desenvolvimento da arte de lidar touros, soube misturar aos primitivos passos da dança sensual as atitudes arrogantes e atrevidas do lidador a pé munido de capa e espadim...

E o baile, bem como o canto — pois que o ambiente tauro-máquico também fez gerar novas canções, nas quais a sobreposição à nostalgia árabe se distinguem acordes e ritmos nervosos a traduzirem Castela, tornaram-se mais representativos da alma do novo povo do sul de Espanha: — mescla de raças fortes, ética jovem capaz dos maiores cometimentos.

Todavia, segundo creio, só de há um século a esta parte o baile espanhol de feição andaluza entrou a proletarizar-se (passe a expressão) buscando na representação pública, teatral, se assim quisermos chamar-lhe, fins puramente comercialistas — e o financeiro sobrepôs-se ao artístico roubando-lhe casticismo e pureza...

Com a grande aceitação do baile espanhol em todo o mundo, este disciplinou-se, hierarquizou-se — começou a ser ensinado em academias e os seus cultores e professores passaram a chamar-se artistas e «maestros», respectivamente.

Em Madrid existem bastantes academias particulares que se dedicam a esta espécie de ensino. Neelas, se têm feito

Continua na pág. 18)



Na foto em baixo, Monreal ensina com Garcia de Triana as canções do filme «Castañuela».



UM CASAL DE 260 QUILOS!

HA um ditado na província que diz: não se faz panela sem testo. E há outro que diz: quando o sapo nasce, logo Deus deita ao mundo a sua companheira sapa...

Este senhor gordo, que poderia ser impar no mundo, teve, afinal, a felicidade de encontrar a companheira ideal. Ele chama-se Berney Wonth, nasceu na Austrália, tem 31 anos e pesa 140 quilos... Ela, a Joy, é francesa, tem 33 anos — e pesa 120 quilos. Ao todo, um casal de 260 quilos!

UMA MATERNIDADE PRECOCE

ESTA gentil menina da foto tem apenas 15 anos e é natural de Kansas. Chama-se Willie Lathrop e é casada com o sr. Lathrop, de dezanove anos de idade. O mais engraçado, é que esta jovem esposa de 15 anos é também uma jovem mamã: aqui a vemos com os dois pimpolhos que ofereceu a seu marido, no dia do seu aniversário natalício...



É possível distinguir um chinês de um japonês?

AQUI está uma resposta a que os interessados saberão responder mas que a um europeu há-de deixar confuso: como distinguir um chinês de um japonês?

Damos quatro fotos para documentar a resposta, com as respectivas legendas:



ACIDENTES DE TRABALHO

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS NA INDÚSTRIA SEGURADORA



PELOS Hospitais e Postos de Socorros da Companhia de Seguros «A Mundial» passaram até hoje mais de meio milhão de sinistrados». Isto dissemos no n.º 194 desta Revista. E acrescentávamos: «Se é interessante dar a conhecer aquele número pelo que êle tem de expressivo no desenvolvimento do «Ramo Acidentes de Trabalho» na Companhia de Seguros «A Mundial», não é menos curioso dar a conhecer também o que é necessário possuir — como organização — para poder fazer face a êste constante aumento de movimento».

É, pois, a êste respeito que vamos satisfazer hoje a natural curiosidade dos nossos leitores.

«A Mundial» tem para tratamento dos seus sinistrados:

Em Lisboa: um Hospital privativo (Rua de S. Paulo, 78 — Beco dos Apóstolos, 7), onde trabalham diariamente 11 médicos, 8 enfermeiros e duas enfermeiras.

No Porto: um Hospital privativo (Praça Guilherme Gomes Fernandes, 10), onde trabalham diariamente 2 médicos e 4 enfermeiros.

Em várias localidades da Província: 10 Postos de Socorros.

Pelas restantes terras do País: 969 médicos contratados.

«A Mundial» tem montados nos seus Hospitais os seguintes serviços:

No de Lisboa: Pósto de Socorros, Clínica de Agentes Físicos, Clínica de Oftalmologia, Gabinete de Radiodiagnósticos, Sala de Operações, Enfermaria para homens com 74 camas, Enfermaria para mulheres com 8 camas, Secretaria Geral com 25 empregados (não compreende a «Secção de Acidentes de Trabalho» com 16 empregados que está instalada nos escritórios da sede da Companhia) e Tesouraria.

No do Porto: Pósto de Socorros, Clínica de Agentes Físicos, Gabinete de Radiodiagnósticos, Sala de Operações, duas Enfermarias para homens com 30 camas, Secretaria Geral com 7 empregados e Tesouraria.

A êstes números, já de si tão expressivos, falta acrescentar outros (não menos interessantes) e que se referem ao volume dos salários seguros, às indemnizações pagas, ao número de tratamentos e intervenções de alta e pequena cirurgia.

Em breve os daremos.

A O primeiro golpe de vista, reparou que ela estava sem forças.
— De onde diabo vem você? — inquiriu o homem, pegando-lhe por um braço para que não caísse.
Ela continuava arquejante. Os dentes batiam-lhe de febre e o seu olhar desvaído fixava-se, ora no homem ora na cabana próxima.

— Tomei-o por um indígena... — murmurou ela, amparando-se.
Com um simples calção de «kaki» caindo-lhe dos rins, ele erguia a sua alta e bela estatura bronzeada no centro da pequena clareira. Ao longe, ouviram-se apitos.
— Meu Deus! — gemeu a rapariga — Eles aí vêem...

E, um instante depois:
— Esconda-me! É preciso que eles não me encontrem!

— Eles... quem?

— A polícia.
A surpresa fê-lo cambaleiar ligeiramente, e olhou com mais atenção aquela formosa desconhecida que continuava colada a ele, com os ouvidos à escuta dos ruídos que vinham da clareira.

— Está bem! — disse ele — Venha...
E empurrou-a para a cabana. Ela entrou, apressadamente, e mal se tinha ocultado no interior, uma voz gritou lá fora:

A fugitiva

UMA NOVELA DE

GEORGES VIDAL

— Olá, Joanny!
Indiferente, o homem respondeu, olhando os uniformes que começavam surgindo de todos os lados:

— Que quer, Louviot? Grandes manobras?

O brigadeiro da polícia respondeu:

— Procuramos uma mulher, uma branca. Não viu nenhuma desconhecida nestes sítios?

— Não, não vi. É caso sério?

— Trata-se de uma tal Léontine Duchêne, que roubou o banqueiro Wurms, em Abomey. Ela deve ter consigo qualquer coisa como um milhão de francos.

— Bravo! E anda por aí.

— Tenho a impressão que quasi lhe piso os passos. Tenha paciência, mas tem que me deixar revistar a cabana.

— As ordens...

O brigadeiro esquadrinhou a cabana com os olhos. O homem propôs:

— Vai um copito?

— Pois sim.

— Então, à sua saúde.

O brigadeiro bebeu, em goles enormes, e foi-se embora, a reunir-se aos seus homens para continuar a busca.

*

— Em que pensas tu, Joanny?

Encostada à palissada, Léontine Duchêne observava o seu companheiro com uma irritação mal contida. Havia três dias que ali estava e o homem quasi nem lhe dirigira a palavra.

— Embarraça-te tanto a minha presença? — insistiu ela.

Ele levantou a cabeça. Tinha traços duros e impassíveis na sua bela máscara enérgica, cozida e recozida pelo sol ardente de África.

— Não me embarraça muito, mas ainda não me habituei...

A cólera de Léontine transformou-se em ironia:

— É assim tão difícil habituar-se à presença de uma mulher?...

— Sim. Mas menos difícil, apesar de tudo, do que deshabituar-nos de uma mulher...

Léontine aproximou-se mais dele:

— Apesar de tudo, estou-lhe grata. Tem tido paciência para os meus acessos de nervos.

— Não se abandona um fugitivo que pede auxílio — cortou ele. — Você não me deve nada...

Ela tomara-o pelos ombros nus e envolvia-o com os seus braços muito brancos e com o olhar claro e ansioso. De uma maneira inequívoca, embora sem brusquidão, ele afastou-a, e foi andando em direcção à ca-

*

Quando despertaram da sua primeira madrugada de amor, ele disse-lhe:

— Tu não podes continuar aqui, nesta existência selvagem. Quero amar-te à luz, sem ser às escondidas... É tempo de reparares o teu erro: entrega ao banqueiro o dinheiro que lhe apanhaste.

— Não posso — gemeu ela. — Não é que eu queira guardá-lo. Agora, já não o quero para nada... tenho-te a ti! Mas se eu voltar a Abomey prendem-me, mesmo que o reembolse. Tu não conheces o carácter desse Wurms. Ele pretende mais a sua vingança sobre mim do que o dinheiro.

— Se pudesses obter o dinheiro e a vingança, talvez. Mas se tiveres que escolher? Se queres, eu irei falar com ele, dir-lhe-ei que te arrependeste da tua acção, e que, se levantar a queixa, receberá o dinheiro.

— Está bem. Depois te direi como deves proceder para que tudo resulte. Agora... dá-me mais um beijo!

*

Joanny não podia demorar-se muito mais tempo. Tinha partido havia já uma semana, com todos os esclarecimentos necessários para a sua missão, que havia de restituí-la à alegria de viver, agora que enjantara definitivamente naquele amor todo o seu passado de aventureira. Mas ela estava sobressaltada pela demora do seu regresso...

— Madame! Faça favor...

Léontine afoitou a cabeça loira até fora da barraca, e disse:

— Sou uma amiga do Joanny...

O brigadeiro Louviot respondeu:

— Não. É Madame Duchêne, que eu procuro.

Ela ficou varada. Com sangue-frio e esperança, respondeu:

— É verdade o que não impede que seja amiga de Joanny. Ele foi a Abomey regular o assunto pelo qual o senhor me procura. Deve estar a chegar, e tudo ficará esclarecido...

— Deve estar a chegar!... Que história é essa. Encontrei-o na segunda-feira passada, faz uma semana, e disse-me que ia para Wydah; com efeito, já recebi notícia de que dali embarcou para a Europa, depois de ter vendido tudo...

— Vendido tudo...? — gemeu ela.

— Sim. Esses pobres hectares de terra e essa cabana. Ouvi dizer que ganhou uma boa soma na lotaria e foi-se embora, no que fez muito bem. Mas não vim aqui para falar das vidas alheias — e, imperativamente — Léontine Duchêne, está presa!





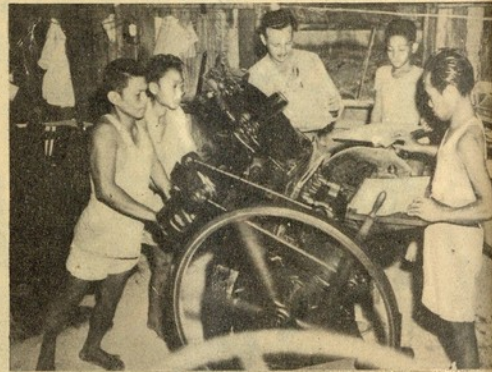
NUMA TERRA PEQUENINA...

AQUI NASCEU GOEBBELS, EM 1897!

NESTA casa de Rheydt, cidadezinha da Renânia, nasceu Paulo José Goebbels, em 29 de Outubro de 1897. A foto foi tirada faz hoje quinze dias, quando as forças americanas tomaram Rheydt e a cidade vizinha de Munchen-Gladbach. E nessa casa pequenina, onde nasceu o ministro da Propaganda do Reich, viveu até há pouco a sua mãe. À rua onde está essa casa foi pósto o nome de «Joseph Goebbels Strasse».

Na foto, vemos um correspondente de guerra americano falando amigavelmente com um grupo de civis alemães.

Os pais do Dr. Goebbels — seu pai era gerente de uma fábrica — mandaram-no em pequeno para uma escola religiosa e, mais tarde, para o liceu, donde seguiu para a universidade. Destinavam-no à vida eclesiástica. Mas em lugar de estudar teologia, Goebbels dedicou-se ao estudo da história, da literatura e da filosofia, obtendo, finalmente, em Heidelberg, o seu doutoramento em Filosofia. Tornou-se membro do partido nazi aos 25 anos e, pode dizer-se, ao seu esforço, à sua prodigiosa imaginação, inteligência e acção de jornalista, deve a política de Hitler um dos seus mais constantes estelos e a mais sincera fidelidade.



PELO AMOR DO SOLO AMEAÇADO **A MULHER** SEM DISTINÇÃO DE RAÇAS COMBATE AO LADO DO **HOMEM!**

A CABOU o sexo fraco. Nunca mais, nós, homens, poderemos referir-nos a nossa mãe-Eva com o ar pretencioso de senhores mais fortes. Não, elas agora são nossas irmãs — em armas. Em todos os países em guerra, a mulher tem sido um soldado admirável, uma extraordinária companheira do homem. Pegou em armas, foi enfermeira, entrou nas fábricas de produção de guerra, foi construtora-civil, artífice, aviadora, diplomata — que sabemos nós! — tudo onde o génio humano e o amor da pátria fizeram o seu apelo! Aqui as vemos, sem distinção de raças, cada uma lutando patrioticamente pelo amor do solo ameaçado!



1 Todos nós sabemos como é forte o espírito da mulher alemã e indomável a sua vontade de vencer. Ela luta na «front», substitui o seu companheiro fora das linhas de combate, prepara os filhos para os labores da guerra. Aqui, esta que foi mobilizada, é condutor de um «carro eléctrico» e, tanto quanto a foto nos informa, cumpre a contento das passadeiras a sua árdua tarefa...

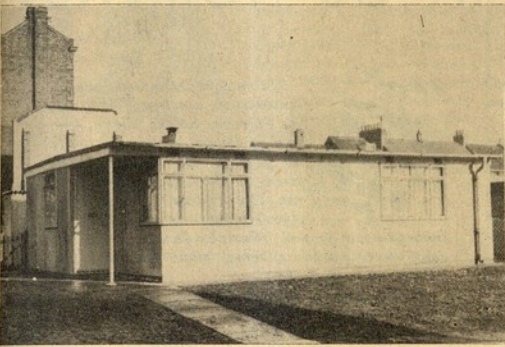


2 A inglesa, porém, que trabalha nos serviços auxiliares, como «escutas», como manejadora de projectores, etc., é substituída nesta foto pela «construtora-civil». Ela: deixou as ambulâncias — e anda a consertar portas e janelas, levadas pelas bombas-voadoras. E o leitor pode ver bem que as inglesas são aplicadas — e não perdem, no trabalho, a graça das atitudes...



Quem disse que Londres já não sofre as dores dos bombardeamentos?

São as bombas-voadoras, vindas nunca se sabe de onde, são os ataques inesperados dos caças... Londres e toda a área do sul, sabe ainda o que é o terror dessas massas explosivas. E aqui estão os londrinos de um bairro populoso, consertando os telhados, vivendo a tragédia dos seus próprios adversários. E que, nesta guerra, tudo se paga ôho por ôho e dente por dente...



...É por causa desse ódio de vida ou de morte que muitos inocentes sofrem os horrores da guerra: são as populações civis, nem sempre responsáveis pelos antagonismos dos povos e que são vítimas sem culpa. Para essas, o Governo inglês, no que diz respeito à população que ele representa, construiu estas casas. São em madeira, desmontáveis, e, conquanto estejam longe do conforto do «home» inglês — que, depois, são distribuídos por avião nas zonas ainda ocupadas...

Muito pode a vontade dos homens, quando os anima a razão mais forte de vencer: o seu patriotismo... Americanos e filipinos, que nesta guerra estão a ganhar a sua independência, lançaram-se na conquista da terra. E, à medida que a vão libertando, organizam a sua paz e a sua sociedade. Aqui vemos, por exemplo, as condições — embora precárias — em que se imprime «Filipinas Livres». Milhares de exemplares são aqui impressos — aqui é a ilha de Leyte — que, depois, são distribuídos por avião nas zonas ainda ocupadas...



3 A mulher eslava, famosa pelo seu tipo de beleza, também pegou em armas e defendeu a pátria ameaçada, como se vê na foto.



4 Enfim, a primeira recruta chinesa que se alistou nos serviços auxiliares femininos: chama-se Hazel Toy e pertence ao Corpo de Exército Feminino, organizado pela senhora Chang-Kai-Chek. É composto por chinesas nascidas nos Estados Unidos e aqui a vemos, prestando juramento, perante o brigadeiro-general Emil C. Kiel, chefe do 4.º Exército aéreo dos Estados Unidos da América do Norte.



5 No norte da Itália, as italianas batem-se, por sua vez, ao lado do 8.º exército. Como se vê pela foto, na sua indumentária é pitoresca, esta pequena italiana alinha na «guarda de honra», quando lhe entregaram — e aos seus camaradas — a «Medaglia de Ora», com que o major italiano Buloff acaba de a condecorar.



FILHO ÉS, PAI SERÁS...

ESTA foto, que parece banal, tem um precioso simbolismo e reflecte, de um modo objectivo, aquêle ditado que nos diz: filho és, pai serás...

De Gaulle está aqui num estradão, passando em revista um desfile de «tanks» na frente alsaciana. Neste carro, de pé, bem perfilado, diante do pai que é seu chefe supremo, passa o tenente Philippe De Gaulle...

Filho és, pai serás, como o fizeres assim o acharás. O ditado, aqui, verifica-se em plenitude.

FUNDAMENTALMENTE, há no discurso que Churchill pronunciou na Casa dos Comuns, relatando os termos e conseqüências da Conferência da Crimeia, uma frase que resume, na sua mais justa medida e luminosa expressão, a tarefa que a segurança do mundo e o bem-estar entre as nações reclamam como primordial:

— As grandes potências devem procurar servir e não dominar e, reunidos a todas as nações, formar uma organização mundial que defenda os direitos de todos os estados, grandes e pequenos.

Está claro que será difícil eliminar a idéia de domínio quando se fala do tratamento que as Nações Unidas se preparam para impor à Alemanha, que implicará uma vigilância sistemática — pode dizer-se o policiamento e a fixação de regras directivas — de toda a sua actividade política, militar, económica e até intelectual. Mas não pode deixar de se ter presente que esta guerra se travou entre duas concepções globais, diametralmente opostas, luta de vida ou de morte, em que cada um dos grupos entendeu e concluiu que não poderia sobreviver simultaneamente com o outro, sob risco de toda a tragédia ter que voltar ao principio. A Alemanha, durante todo o tempo em que teve a sorte das batalhas por seu lado, falou abertamente nos principios da «Ordem Nova» que se dispunha a impor ao mundo como regra de governo. Com o volte-face verificado na guerra, o bloco anti-alemão adoptou a mesma decisão. Nem chega a ser surpreendente — porque esse é o destino e o desfecho, pelo menos projectado de todas as guerras: o vencido

GRANDES E PEQUENOS

deverá sujeitar-se à lei do vencedor. A novidade do nosso tempo estará, afinal, na adopção de medidas sistemáticas destinadas a fazer valer essa lei e a impedir que o país que a ela deverá ser submetido descubra o caminho de a invalidar ou de lhe fugir.

A Alemanha, pelo que está decidido entre as potências dirigentes da grande coligação, deverá ficar, em última análise, sob tutela, com o objectivo de lhe serem eliminadas as possibilidades de um reavivar do espirito de conquista. O processo de execução desse propósito é que é amparado por uma actualização, digamos, científica, pois que pretende ir à própria transformação da mentalidade de um povo inteiro. Isto será trabalho, evidentemente, para o mínimo de duas gerações. Manter-se-ão, por todo esse tempo, as potências actualmente coligadas, num estado de espirito e de mútua confiança que faça subsistir a garantia de execução desse excepcional plano de transformação política, social e mental de um povo?

Na resposta — que ninguém pode con-

(Continua na pág. 16)

CALÇADA DA GLÓRIA



A NOVA MODA DA CINTURA À MOSTRA

TÊM A PALAVRA OS HOMENS

Francis de Miomandre, em cuja lapela floresce sempre uma grande flor de elegância e de espírito, escreveu, uma vez, que a Moda constituiu, no fundo, um processo, porventura o único, que a humanidade criou para se dar a ilusão de que a vida era menos monótona do que, de facto, é. Como literatura temos de reconhecer que é excelente esta definição. Mas em verdade, podemos perguntar se foi, realmente, a humanidade que criou a moda, se foi a moda que criou a humanidade — tal é o seu forte poder sobre ela. Em bom rigor, se há ditadura implacável no mundo é a que a Moda exerce sobre nós todos. Aquêles que, por qualquer forma, tentam opor-se-lhe, caem logo no pior de todos os abismos — que é o do ridículo. Agora mesmo nos chega da América do Norte, trazida na axa dum telegrama, a noticia de que «a Grande Moda» da Primavera para os senhores vai ser a cintura à mostra. Já coisa alguma nos espanta no mundo, por mais estranho que seja. A cintura à mostra é, de resto, um sinal dos tempos. Não deixará, entretanto, de ser curioso e, mais ainda, oportuno, saber o que os homens, pelo menos alguns, pensam a este respeito. Dir-se-á: o que interessa às consideráveis decisões da Moda as opiniões dos simples mortais? Nada. A moda não recua. Mas, ao menos, os homens desabafam...



Na rua do Carmo passava Gustavo de Matos Sequeira. Enfiámos-lhe o braço.

— Então já sabe...
— Que acabou a guerra?
— Não. Que as mulheres vão passar a mostrar a cinta a todos nós...

— Isso já sei. Disse-me o Pastor de Macedo... Rica idéia, para as cinturas bonitas; para as feias é que vai ser o diabo... Mas, enfim, estamos preparados para tudo.



mulheres, dos outros...

Eduardo Dias, um dos argonautas sem mancha que escreveu — ó paradoxo! — os «Argonautas da Mancha», já sabia do facto da Rádio.

— E que lhe parece?
— Não hesitou na resposta:
— Parece-me excelente — nas



tudo duma das suas crónicas, das «Abelhas Doiradas»:

— Tôdas as audácias da mulher são, mais ou menos, a consequência de tolices do homem.

E mais adiante:

— Se a ostentação da nudez bela torna a mulher menos desejada — que fará, Deus do céu, a revelação da nudez feia?



Topámos com Luis Forjaz Trigueiros, que descia o Chiado.

— Luizinho amigo: a moda acaba de decretar que as mulheres usem os vestidos de rua abertos na cinta. Que diz a isto?

— É uma imoralidade. Nas praias ou nos bailes, ainda os puritanos poderão admitir. Agora, nas ruas! Vou já escrever um eco, e amanhã iniciarei a minha propaganda...

— Contra, é claro...

— Qual contra! A favor... Pode-se lá perder uma coisa dessas!



Ao telefone:

— É da casa do dr. Ramada Curto?

— Sou eu mesmo.

— Já sabe, dr. Ramada, que as mulheres vão andar na rua com a cintura à vela?

— Li nos jornais. Por sinal, misturada, e muito bem, com as noticias da guerra. De facto, a cintura à mostra é uma noticia beligerante. Eu, confesso, não sei agora o que vai ser do mundo... Vai encontrar-se certamente numa situação bastante «umbigua»...

— Muito obrigado, doutor.



O monóculo de João de Barros cintila, no Largo das Duas Igrejas. Vamos-lhe no encalço.

— Qual a sua opinião acerca da nova moda da cintura à mostra nas mulheres?

— Não sei de que se trata...

Entrámos em pormenores.

— Nesse caso, só lhe digo isto:

Se aquilo que a gente sente
Cá dentro tivesse voz...

E partiu com o monóculo a cintilar.



Na rua do Ouro, caminhando lentamente, avistamos João Maria Ferreira. Solene, digno, pontual, a barba, ao mesmo tempo de filósofo, de patriarca e de fauno, escorrendo prata sobre um forte casaco de inverno. Aproximámo-nos. Sob o braço, transportava os seus «Poemas da Natureza», recentemente vindos a lume, inicio da publicação da sua obra definitiva.

— Que me diz à nova moda?

— De quê?

— Das mulheres andarem com a cintura à mostra nas ruas...

— Palavra?

— Palavra.

A barba do patriarca estremeceu, um momento, de pudor; mas imediatamente a barba do fauno sorriu, numa ligeira crispção:

— Adorável. Uma cintura bem feita é um autêntico poema da Natureza...



Jaime Lopes Dias, representante da Beira na Câmara Municipal de Lisboa, atravessava a Praça do Município, quando lhe desfechámos a queima-roupa:

— Então que me diz?

— Acêrca de...

— Da nova linha da cintura?

— A Câmara pensa nisso...

— A Câmara já sabe?

O equívoco esclareceu-se.

— O quê? As mulheres vão mostrar a cintura pelas ruas? — grita, surpreso, Lopes Dias.

— Nem mais.

E afogueado, partiu, tremendo os óculos:

— A cintura à mostra? Era o que me faltava ver!



Rocha Martins, ao inquirirmos da sua opinião, dá dois passos em frente; em seguida dá dois passos à retaguarda; pára; medita; volta a dar dois passos em frente; volta a dar dois passos à retaguarda — e, parando de novo, resume:

— Vou tratar do caso no «fundo» do «Notícias»...

— Mas de que forma?

— Opondo-me como Rocha; aplaudindo como Martins...

* * *

E com este fecho de psicólogo, encerramos o debate — e metemos à Calçada da Glória, ingreme como tôdas as calçadas que se prezam e efémera como tôdas as glórias que se admiram...

inventário & BALANÇOS



ministro da Guerra forneceu à Imprensa uma nota importante, dando parte ao país de um melhoramento que não pode deixar de constituir motivo de aplausos: a aprovação de um plano de obras, respeitantes a uma digna instalação dos quartéis. O mundo prepara-se para celebrar a paz.

Portugal, felizmente, não entrou na guerra. E, se não entrou, deve-o menos ao péso dos seus canhões do que a outros factores. Mas, talvez por isso mesmo, talvez porque não conhecemos os verdadeiros horrores da guerra, temos o dever de olhar a organização do exército e quanto diga respeito ao seu bem-estar, com um carinho todo especial. O soldado deixou de ser, de há muito, a «soldadeco», o truão a sôdo. Por consequência, o quartel, a sua casa, deve, antes de tudo, ser uma escola de civismo, de educação.



partir do dia 1 do corrente, os funcionários do Estado passaram a receber mais 15 por cento. Não se pode dizer que venha a despropósito um pequeno aumento, quando a vida subiu, em alguns casos, cem por cento. Poder-se-á alegar que, também em muitos casos, os ganhos do povo subiram

em cem por cento. Mas será esse o caso dos servidores do Estado, por lei cingidos a horários de trabalho e a funções oficiais? Nesta guerra, muitos ganharam fortunas. Mas não nos esqueçamos de que outros as perderam e de que houve, até, quem ficasse como estava, quando tudo caminhava para diante.



Carris foi chamada à pedra pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações. Ajustam-se horários, acertam-se agulhas, movimentam-se o pessoal. Só é pena que seja tão tarde tomada esta medida — quando a guerra está a acabar e se espera que, com a paz, se possam tomar medidas radicais que destruam as adaptações que vão agora ser feitas nos eléctricos...



Recentemente, regressou de Espanha a missão portuguesa que foi estudar a organização da aviação civil espanhola. Essa missão era chefiada pelo sr. tenente-coronel Humberto Delgado, director do Secretariado da Aeronáutica Civil, que se vê na foto à sua chegada a Espanha.



Foi um grande acontecimento artístico, este que o Grémio Português de Fotografia promoveu, para apresentação de mais um Salão Internacional de Arte Fotográfica — que é já o VIII — e que, na sua inauguração, teve a presença do sr. Presidente da República, ministro da Educação e membros do Corpo Diplomático. Na foto, damos um aspecto da cerimónia inaugural — a exposição está patente na Sociedade de Belas Artes — que foi muito concorrida.



O sr. Joaquim Roque da Fonseca, presidente da Associação Comercial, deu ao mundo económico e financeiro do país, relação do que foi a Conferência Económica Internacional de Rye. Presidiu o sr. dr. João de Azevedo Neves e o conferencista foi muito aplaudido no final da sua comunicação.



À Casa de Entre-Douro-e-Minho foi o dr. Gaspar Simões proferir a sua anunciada conferência, dentro do ciclo promovido pela direcção daquela organismo, para comemorar o centenário de Eça de Queiroz. Gaspar Simões, crítico e escritor ilustre, falou de «A gênese do Crime do Padre Amaro». Na foto, vêmo-lo ladeado por Forjaz Trigueiros, que representava António Ferro, e o director da Casa de Entre-Douro-e-Minho.



Depois de uma curta passagem por Portugal, onde deixaram tão belas simpatias, os príncipes de Orleans e Bragança regressaram a Espanha. Aqui os vemos, na Estação das Delícias, acompanhados pelo sr. dr. Teotónio Pereira.

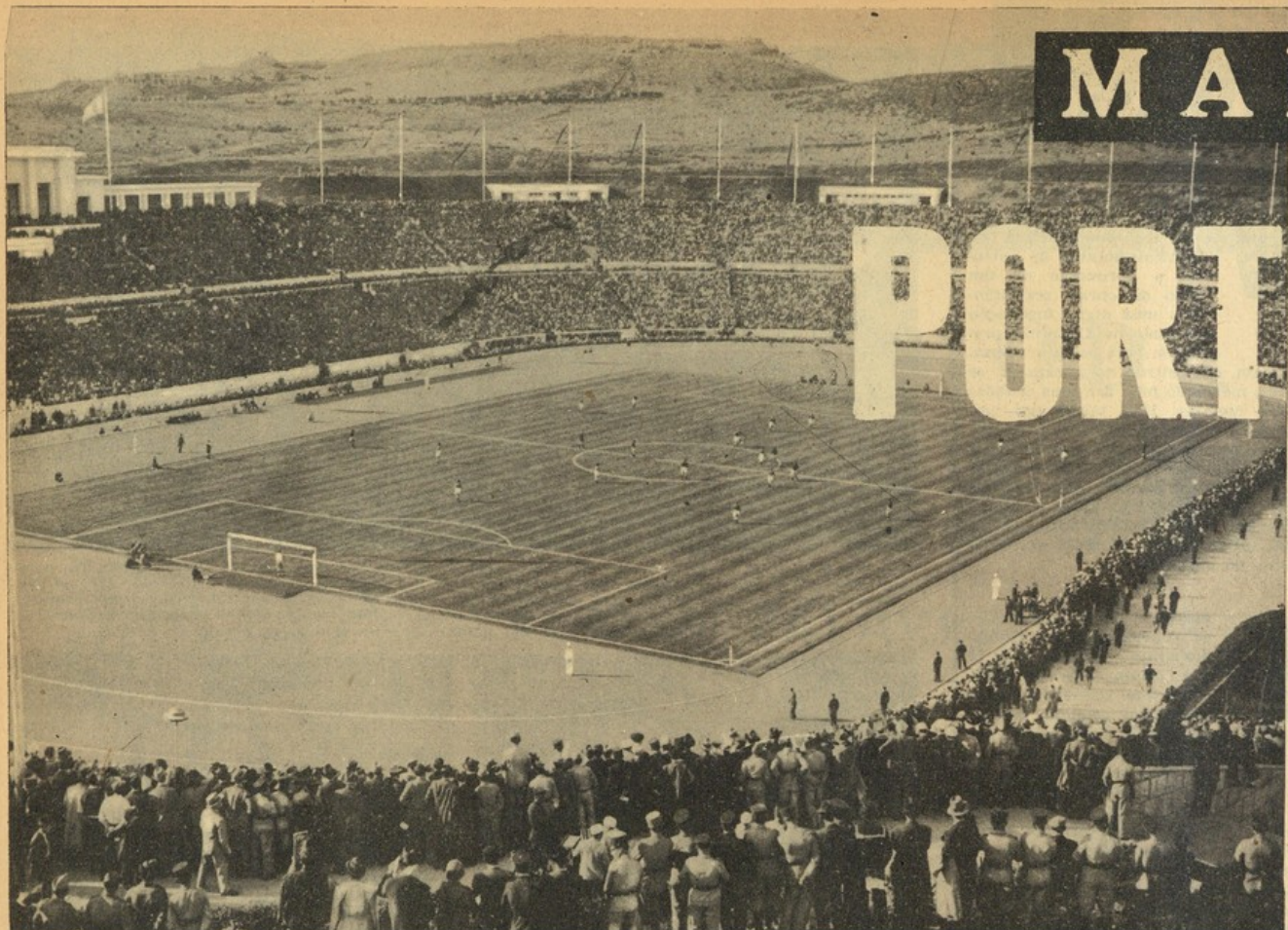


Carlos Botelho, como dissemos já no nosso último número, apresentou, há dias, mais uma excelente galeria de trabalhos no estúdio de São Pedro de Alcântara. Lisboa perpassa nas suas telas, como passou pelos versos de Cesário Verde, que nesta exposição aparece intimamente ligado à obra do pintor Carlos Botelho.

UM ARTISTA DOS NOSSOS



O êxito de uma revista não nasce de um dos seus elementos mas da conjugação das várias funções e desses mesmos elementos. Pode, mesmo, dizer-se que a parte de redacção não resultaria, se não houvesse um artista a coordenar fotografias, a dispor páginas, a completar, com penhas coisas de nada, o arranjo do conjunto. É o montador da revista — que deve ser, para êxito do conjunto, um artista plástico — quem tem sobre os ombros esse delicado labor. Até há pouco, foi Rogério quem se desempenhou, e muito bem, desse encargo. Os seus afazeres, porém, impediram-no de continuar a manter o nosso convívio, pelo que chamámos para o nosso lado o pintor Borges Correia — o caricaturista Zeco — um novo cheio de valor, de modéstia e de tenacidade. Borges Correia é o autor das novas «maquetes» da nossa revista — é o a partir dos dois últimos números. E o cuidado, bom gosto e arte com que as fez, por certo que hão-de ter sido notados pelo leitor. Apraz-nos, por isso, revelar aqui o autor do novo êxito de «Vida Mundial Ilustrada», e prestar a Borges Correia, caricaturista, ilustrador e aguarelista, esta prova pública do nosso apreço.



DESAPARECERAM COXIAS, VENDERAM SE BILHETES PARA LÁ DA LOTAÇÃO. PODE DIZER-SE QUE DOIS POVOS INTEIROS PUSERAM OS OLHOS E OS OUVIDOS NESTE QUADRADO DE TERRENO, ONDE SE DISPUTAVA O XV PORTUGAL-ESPAÑHA.

MAIS UM EMPATE NO

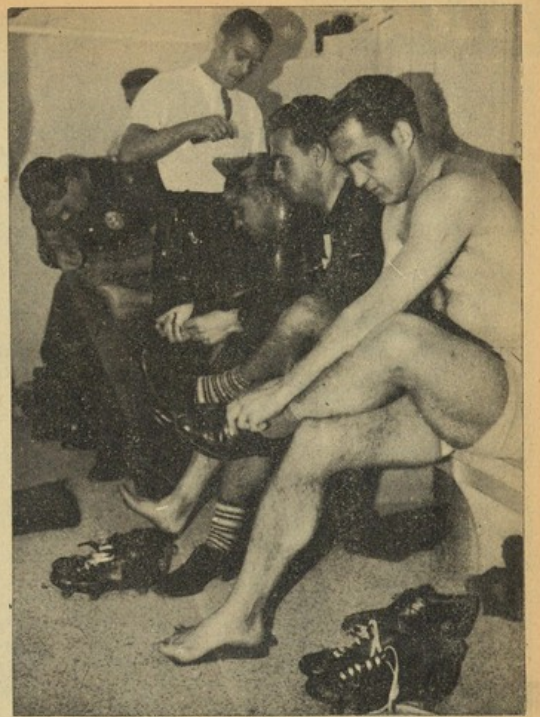
PORTUGAL-ESPANHA

ONDE HOUVE PÂNICO, EMOÇÃO... E UM PAR DE BOTAS... NOVAS DE CABRITA!...

Fotos Seródio



PODERIAMOS dizer que, neste jogo, não houve só os que foram para o gramado decidir do valor do pontapé... Houve as apostas, os palpites — aqueles que acertaram ou perderam. Nós fomos, no número passado, perguntar a muitos apaixonados e entendidos, qual seria o resultado do encontro. Mas só um, Francisco Franco, teve a honra de acertar: 2 a 2 disse-nos ele. E aqui relevamos, para que não fique esquecido — que foi ele, com o empate, quem ganhou...



Minutos antes do encontro, os rapazes da bola ultimam a toilette. Aqui vemos Peyroteo — o homem do dia! — a mudar de calçado. A seu lado, Barrosa faz o mesmo, enquanto o defesa Manuel Marques parece filosofar... Enfim, não se sabe que contos Azevedo está a fazer... Mas vê-se que o massagista Marques está a cortar as unhas dos pés ao Cardoso — que se escondeu envergonhado...

UMA ESPECIALIDADE: AS REACÇÕES!...
Portugal não venceu a Espanha. Empatou mais uma vez — pela terceira — a 2-2 mercê de uma recepção que traduz o ânimo e a boa preparação física do «caminado» português. Temos alcançado bons resultados, graças às recuperações. Substituímos a falta de «classe» pela alma e pelo poder do músculo. Sômos, em suma, exímios em reacções — virtude que, demonstrado está, também pesa decisivamente no futebol!

O QUE VALEU AOS ESPANHÓIS...
A Espanha enviou-nos um grupo, não muito reclamado, mas transbordando confiança. A vitória era coisa arrumada, e o seleccionador espanhol, num desabafo, afirmou temer mais as lesões dos seus jogadores que o mérito dos portugueses! Simpático! Muito desportivo!... Mas, afinal, os espanhóis não apresentaram nada de novo além do pânico que deles se apossou, perante o irresistível dos justos: começaram a «entrar» com violência e demonstraram a repór a bola em jogo mais do que o tempo admissível. E duma vez, César, em lugar de entregar o esférico que pertencia ao adversário, atirou-o para longe!... As acções ficam, no entanto, com quem as praticou!

PACIÊNCIA, AMIGO...
Um pormenor curioso: na corrida aos bihetes, ficaram a perder os que habitualmente vão à bola! Assim mesmo. Aquêles que renegam a beleza e a emoção do jogo, que sorriem superiormente ao ver o entusiasmo dos aficionados, foram os primeiros, desta vez, a desajar assistir ao prélio. Devem, por certo, ter recebido uma saudável lição de fé, de poder de convicção, de puro querer desportivo. — Há 25 anos que vou aos jogos de campeonato. Encontros internacionais disputados em Lisboa — vi-os todos. Pela primeira vez não consegui arranjar bilhete, e logo por maior azar, para o Portugal-Espanha e no Estádio Nacional... — lamentava-se-nos um entusiasta fiel... Paciência, amigo! Antes isso que quebrar uma perna. Talvez o seu lugar tenha sido ocupado por quem não acreditasse na força do desporto... o que já é uma compensação

MAIS CINCO, MAIS DEZ MIL?
A capacidade de lotação do Estádio, segundo os comunicados oficiais, é de 47 mil e tal pessoas. Uma conta, por sinal, que muita excêntrica... Mas este número foi largamente excedido. Sessenta mil pessoas? As opiniões divergem. Mas é possível que sim. Isto, dentro do Estádio. Porque, nas colinas que circundam o magnífico monumento, estavam acantonadas, comprimidas, cerca de dez mil almas sófregas pela bola!... Geraram-se algumas quesillas. Mas era tudo por bem... O Portugal-Espanha admitia tudo!...
PORTUGAL PODIA APRESENTAR MELHOR!
Podíamos ter ganho, sem favor, pelo que fizemos na 2.ª parte. Hesitante, visivelmente nervosa, a turma portuguesa começou mal o desafio. Sobre tudo lenta, quando na direcção das balizas adversárias. Como os visitantes não começaram melhor, o jogo durante quasi meia hora não teve brilho e monotonia. Mas no 2.º tempo, veio a reviravolta. Os portugueses criaram confiança, viram que também podiam fazer figura, e o segundo ponto, longe de os atemorizar, deu-lhes novos alento, superando os

(Continua na pág. 16)

O QUE A F. I. F. A. NÃO CONTOU!

MAIS um Portugal-Espanha, o XV da série, descontados os dois prélios que se disputaram na altura da guerra civil no país vizinho, e que terminaram pela vitória dos portugueses. Nessa ocasião, os encontros foram considerados oficiais, por ambos os organismos dirigentes. Mais tarde, a F.I.F.A. interveio, certamente succionada pelos espanhóis, e, atendendo às circunstâncias anormais em que foram disputados, decidiu não homologar os dois jogos — precisamente os que os lusitanos haviam ganho!... A decisão tomou-se, os espanhóis ficaram encantados, nós ficámos conformados — porque somos muito gentis e cavalheiros — e passou-se uma esponja sobre o 2-1 de Vigo e o 1-0 das Salésias. Jogaram-se, por conseguinte, quinze prélios, fora aquêles que a F. I. F. A. não contou!...

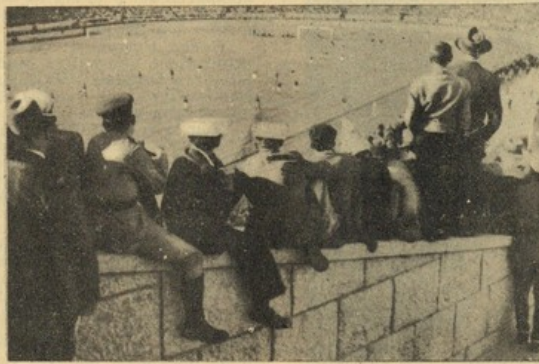
E TUDO ISTO POR QUÊ?

O Estádio Nacional recebeu no domingo o seu primeiro baptismo internacional. Havia mais de uma semana que se tinha esgotado a lotação, sucedendo-se as já relatadas cenas trágico-cómicas-policiais para a aquisição dos preciosos papelinhos que davam entrada no campo, e consequente «caça» aos especuladores. O «mercado negro» admitiu tudo. Bilhetes de 35\$00 a 500\$00, que, no próprio dia do encontro subiram aos mil escudos! É de loucura — uma loucura a que, para disfarçar, se dá o nome de entusiasmo — ou patxão!... Por se terem esgotado as lotações nas pensões, hotéis, nas mais modestas casas para pernoitar, houve



Outros que também fizeram negócio: os rapazes da cerveja e dos pirolitos...

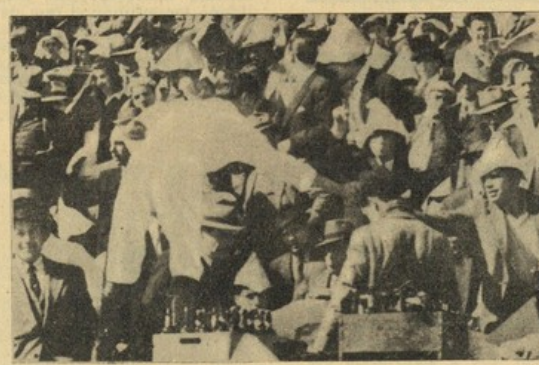
DENTRO E FORA DO ESTÁDIO, A MULTIDÃO COMPRIME-SE — E LASTRA...



Depois da merenda comida, as calças de papel preservam-nos do sol. E do muro não se vê nada mal o desenrolar do jogo...



Que nos dizem a estes chapéus, género «coiffure» da Idade Média? E em mangas de camisa, que o português não está para cerimónias...



O «buffet», como não cabia dentro de casa, espalhou-se pelo Estádio fora e veio vender sanduíches de fome...



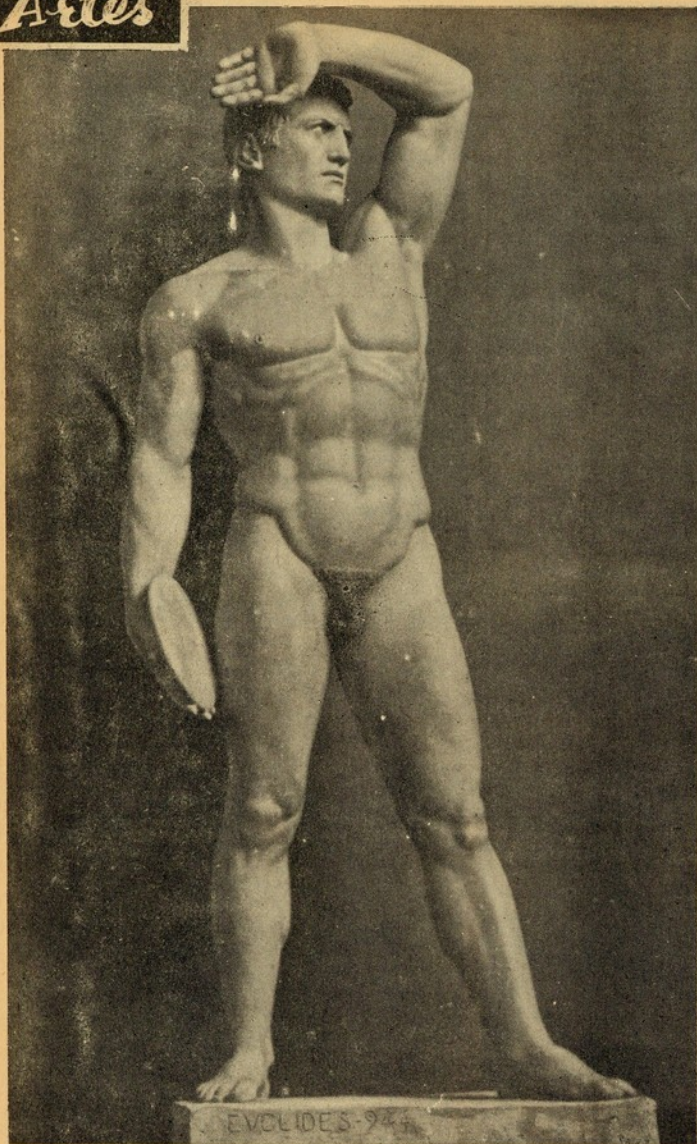
Os homens do «pêso» fartaram-se de fazer negócio: vendiam jornais velhos para fazer capacetes contra o sol...



Logo às últimas horas da manhã, a povo sem bilhetes convergiu para os terrenos próximos. Homens e mulheres, de lenço e de chapéu — a ninguém o caminho meteu medo!



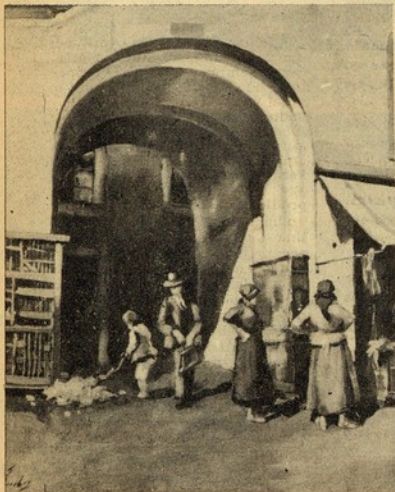
O português vai sempre pelos «comes e bebes». Sem merenda e sem a pinga, a coisa não vingou. Ao lado, vê-se a roda do carrinho de um doente. Ali ninguém faltou!



DISCOBOLO, de Euclides

JOSÉ DIAS SANCHES

EXPÓS UMA COLEÇÃO DE PAISAGENS PORTUGUESAS EM MADRID



NUMA das salas de exposição do Museu de Arte Moderna de Madrid, Dias Sanches expõe 32 quadros festivos, alegres, nascidos duma visão feliz dos pitorescos motivos portugueses.

Somente um quadro tenta o difícil campo da composição histórica, mas logo o emoldura com duas coloridas marinhas, visão do mar de quinhentos, formando um tríptico em que a alegria da cor do Oceano contrasta com tons castanhos e algo sóbrios com que Dias Sanches pintou o infante D. Henrique.

A inauguração foi presidida pelo ministro da Educação Nacional, sr. Ibañez Martin, acompanhado pelo Director Geral de Belas-Artes, Marqués de Losoya, e director do Museu de Arte Moderna, sr. Lloset y Marañon.

O ministro da Educação Nacional e o embaixador de Portugal, dr. Teotónio Pereira, manifestaram o seu parecer a propósito da pintura de Dias Sanches, e que é uma afirmação admirável do interesse pelo intercâmbio cultural e artístico que os dois povos ibéricos tão exemplarmente iniciam.

Entre a assistência ao acto de inauguração encontravam-se os portugueses: senhora de Dias Sanches, senhora de Martins Correia, professor dr. Gomes Branco, secretário da embaixada, dr. Dias Moraes, Oscar Brunestre e João Fragoso.

ARTE PORTUGUESA

EUCLIDES E MAIS TRÊS ESCULTORES

A arte plástica portuguesa vive uma das suas horas mais plenas e mais afirmativas, definindo a existência duma verdadeira autoctonia, adentro da escultura contemporânea *up to date*. Exemplifiquemos. Saíram recentemente diplomados pela Escola de Belas Artes três escultores de trinta anos possuindo qualidades comuns de talento, de harmonia e de resgate dos preconceitos que asfixiaram e deformaram a nossa criação plástica. Podemos também acrescentar a estes três nomes, Euclides, Numidico e Rocha, um novo de real talento: José Farinha.

Euclides Vaz acaba de se formar com a classificação rara e única de 20 valores com a sua defesa de tese «Discóbolo». Raras vezes a arte portuguesa atingiu tanta dignidade, tanto sentido neo-clássico e tanta atitude conceptual. Euclides coloca-se ao lado dos grandes escultores portugueses, desde Manuel Pereira, no século XVII; Machado de Castro, no século XVIII; Soares dos Reis, no século XIX; e Francisco Franco, o maior escultor português actual, embora influenciado pela Renascença italiana e pelo barroquismo da nossa arte dezotocentista. Poder de modelação, elevação conceptual, idealismo e um sópro divinatório que dão a todos os trabalhos de Euclides Vaz a altitude e a síntese de verdadeiras equações de harmonia e de flagrante beleza plástica.

Podemos vangloriar-nos de um alto artista com A maíusculo, resgatando alguns anos de hesitações, de desequilíbrios, de psitacismos e de influências deletérias. Os seus mestres são a arte grega, a arte romana, Miguel Angelo e o divino Leonardo. Não são estranhos à sua psicose Rodin e Bourdelle. Mas esse caldeamento, essa simbiose artística só definem a sua alforria, a sua independência criadora, o poder magnético da sua arte independente e acima de tudo pessoalíssima.

A seu lado Numidico, classificado com 19 valores com a estátua «Arcanjo São Miguel» e distinguido com o prémio «Rui Gameiro 1944», é um artista de raros recursos, possuindo também dum heleno-romanismo que só o exalta e o superioriza. A prova da Missão Estética a Santarém, e seu «Zagal», confirma as suas excelsas qualidades intrínsecas e extrínsecas. É uma grande afirmação a reter e a fixar.

Rocha Correia é, pelo poder de beleza conceptual, um novo de rara projecção e um artista fundamentalmente moderno. Embora influenciado por Maillol e Despiau, não deixa de nos ter dado uma prova de tese classificada com distinção, 16 valores, que revela o grau de independência modeladora a que chegou a nossa arte da vigésima centuria.

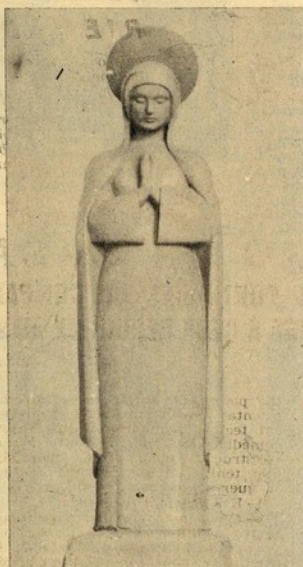
Tem o seu futuro brilhantemente marcado e definido.

José Farinha, vindo do curso superior de Belas-Artes que interrompeu por motivo de doença, é um novo possuindo de raros recursos de helénismo e de modernismo. Em exposições parciais e recentemente nas Belas-Artes e no S. N. I., com os bustos de Aquilino, de Alves Redol e do autor desta pequena nota, José Farinha precisou, definiu, documentou e revelou excelsas e apreciáveis qualidades. O seu poder de unidade, de síntese, de elevação plástica e de verdade psicológica e fisionómica são de bom quilate, e ao lado das três revelações recentemente saídas da Escola de Belas-Artes, sob o ilustre e fecundo magistério do escultor e mestre Simões de Almeida (Sobrinho), Euclides, Numidico e Rocha, confirma a excelência, o desenvolvimento e a altitude da nossa arte escultural até há pouco tão pobre.

No entanto, enquadrado neste pequeno grupo, neste escol de raros méritos, Euclides é, hoje, um dos maiores escultores de Portugal contemporâneo e o único que pode ombrear com Francisco Franco e Barata Felo, podendo nós ir mais longe ainda na justa homenagem que lhe é devida, considerando-o um dos maiores, senão o maior, dos novos escultores lusitanos da geração dos trinta anos. A coerência entre as suas qualidades e a sua vis criadora, o seu sentido intelectualista, atestam em absoluto a existência duma individualidade inconfundível que deve completar a sua compleção artística em meios como Paris e Roma, centros insubstituíveis para o seu mestrado.

É alguém na arte de nossos dias. Pode seguir confiante e gloriosamente o seu esperançoso caminho, constituindo a sua obra várias vezes exposta e criticada o elemento germinativo da Arte portuguesa, restaurada, europeizada — e projectada definitivamente no futuro.

CORREIA DA COSTA



ESCULTURA, de José Farinha



ARCANJO S. MIGUEL, de Numidico

MADALENA A DAS LOIRAS TRANÇAS, TEVE DE CEDER AOS CAPRICHOS CAPILARES DE «DESDÉMONA»



NOTAS DE ESTREIA

« FANNY » NO TRINDADE

Lopes Ribeiro continua a merecer particular interesse este desenterrar de velhas peças francesas. Não discutamos, porém, o critério — liemo-nos a discutir o espectáculo. Mar Pagnol escreveu «Fanny» há um quarto de século, aproveitando um pitoco inconfundível — que é esse o ambiente dos cais de Marselha — e danos uma bela paisagem de almas. Em eis nenhuma outra parte do mundo assim o supomos — os homens são mo os marseheses: impulsivos, ecéticos, amorosos, comovedoramente bonos com um código de moral à margem moral e uma enterecedora contextura cológica. Este ambiente de almas, criada de problemas próprios, só em francês é a justa medida e correspondência. Na versão empalidece o texto — e ou rouba o «picaresco» linguístico ou deixa ficar e a obra deixa de ser, em rigidez, um caso de arte. Lopes Ribeiro preferiu ir, desta vez, pelo primeiro erro, e achamos que não faz mal. A ra, naturalmente, na sua contextura, é do melhor teatro mundial. É palposa, prolixa, principalmente no priro e no terceiro actos, em que a acção dilue e o público quasi «acompanha o desenrolar do diálogo. Ainda sim, há nela cenas de graça irresistível até, de certa intensidade dramática e ética, desvincada na tradução.

figura que atravessa toda a peça com uma grande nobreza de alma, teve, quanto a nós, uma boa interpretação desta temporada: só temos pena de não poder salientar os muitos momentos em que ela é superiormente dolorosa, actriz e artista. Lucília foi uma excelente «Madame Honorine», Hortense Luz reapareceu com uma bela soma de estudo e arte na sua «Claudine», e João Villaret, num papel que não era muito grande, teve uma actuação inteligente, de observação e valorizadora do conjunto. Ribeirinho e António Silva foram as duas figuras hilariantes da peça — pareceu-nos que, por vezes, se aproximavam os seus «tons» de voz que em A. S. é exagerado — e José Amaro foi o galã ainda um pouco «duro», com uma voz de declamador e que nos faz lembrar um camponês. (Efeitos de uma má experiência por palcos de revista?). Muitos outros completam o conjunto com equilíbrio.

O MENINO DA LUZ NO VARIEDADES

QUANDO desceu o pano sobre o último acto da comédia de João Bastos, apresentada pelo empresário António de Macedo no Teatro Variedades, não podia passar despercebida uma condição fundamental: o público tinha gostado. Para tanto, contribuiu o bom entrecho interactivel e tocante que

(Continua na pág. 16)

“O DONO DA CASA” ÚLTIMO ORIGINAL PORTUGUÊS DA COMPANHIA MARIA MATOS SOBRE A CENA DEPOIS DE AMANHÃ



AO se pode dizer que a actual época teatral, já prestes a findar, tenha sido muito feliz para os autores portugueses. Ainda assim, cabe à imprensa António de Macedo a iniciativa de ter apresentado, até agora, os únicos signais da temporada — referindo-nos, ao teatro declamado. À sorte coube João Bastos, Fernando Santos e Almeida Amaral — e, agora, ao jornalista e escritor Dr. José Ribeiro dos Santos, a quem fomos perguntar o que era o seu «Dono a casa».

dia para fazer sorrir, talvez diferente de quantas costumamos ver representadas em teatros populares... Quis fazer uma comédia com espírito, subtilidade e segura construção, mas, claro, não significa que tenha atingido os meus objectivos de guerra... ao mau gosto... — E a respeito de figuras? — Creio que há papéis para todos, pois houve a intenção de valorizar as mais pequenas intervenções. Todavia, logo a seguir às «duas cabeças», Maria Matos e Erico Braga, há quatro papéis fundamen-

(Continua na pág. 16)

MADALENA, ali no Nacional, teve o mais sério e difícil papel de toda a sua carreira de jovem artista: ali está ela, ao lado do seu primeiro mestre, Alves da Cunha, a viver o complexo dessa figura de mulher que é «Desdémoma». Muitas terão sonhado com esse grande papel, muitas terão desejado uma tão bela prova de exame. Mas só Madalena pôde ver realizado esse grande sonho. A sua arte — por que ninguém pode dizer que não há em Madalena um excelente plasma artístico e uma extraordinária vocação de actriz — allou-se à sua beleza e juventude para criar a figurinha imponderável que atravessa a tragédia de Shakespeare, como um raio de luz e uma sugestiva imagem de pintura. De certo, Madalena não tem razões de estar contente pelo simples facto de «fazer» «Desdémoma» — e pode dizer-se que, com isso, ela tomou parte num momento histórico do nosso teatro moderno — mas, ainda, porque, a aliar ao triunfo da sua beleza, há o cuidado que pôs nesta interpretação, o esforço de adaptação a uma «natureza» que não era a sua. Há momentos em que Madalena é intensamente artista: lembramos, por exemplo, a sua chegada ao cais e o diálogo com «Cassio», na presença de «Emília» e de «Yago». É tão ligeiramente felina e facelrosa, tão subtilmente ingénua que tudo se conjuga — como, ainda no momento em que recebe «Cassio» em sua casa — para criar o mais subtil e perfumado momento de toda a representação em que perpassam

as loiras tranças de «Desdémoma». Simplesmente, as loiras tranças de «Desdémoma» não são inteiramente as loiras madeixas de Madalena... Quem a viu, de lindos cabelos soltos, sedosos e compridos... Mas «Desdémoma» tinha as suas exigências e reclamou a madeixa que, na foto, Madalena segura na mão antes de entrar em cena...



DIGA O QUE PENSA! ACERCA DE ADELINA CAMPOS



Adelina Campos é, penso eu, um dos valores do nosso teatro. Nem sempre Adelina Campos terá tido os papéis que merece, e daí nem sempre lhe ter sido dado o relêvo a que ela deve julgar-se com direito. Uma figura radiosa, uma cara bonita, uma linda voz, um ar de primeira permanente, esta rapariga, que nasceu artista, realiza o prodígio de ter um filho — que podia ser pai dela. Repito: Adelina Campos é uma actriz que espera apenas que lhe sejam dados, com frequência, os papéis que ela «deve» interpretar. Quanto mais escura é a noite, mais brilham as estrelas do céu; nas «estrélas» de teatro é o contrário: quanto maior é o foco luminoso que sobre elas incide, maior é o seu clarão. Em Adelina Campos conheço apenas um defeito e, esse, grave: nunca ter sido intérprete duma peça minha. Felizmente que não é um defeito irreparável...

ES o último depoimento desta série de pequenos inquéritos, acerca dos nossos artistas novos — aqueles que, tendo iniciado há anos a sua carreira, podem, agora, arcar com o peso de uma crítica serena mas exigente. Adelina Campos é uma dessas artistas. O público distinguia-a, espera dela a medida do seu valor. Falta que as empresas a descubram também. Para falar de Adelina Campos, chamámos hoje o Dr. Luis de Oliveira Guimarães — crítico e autor. O seu depoimento não pode, portanto, deixar de se ter na devida consideração. Segue a pergunta:

— O que pensa a respeito de Adelina Campos?

O MENINO DA LUZ NO VARIEDADES

(Continuação da pág. 15)

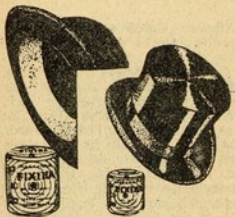
Jobo Bastos transpôs para a cena. Pode e com razão dizer-se que o primeiro acto é lento, sem acção e sem assuntos. Por vezes, o diálogo arrasta-se, como que a preencher os tantos minutos da sessão. O 2.º acto, mais bem construído, com uma acção mais intensa e um certo ar caricatural bem achado, chega, mesmo, a criar expectativa. Já o 3.º acto recai no andamento do primeiro, com as cenas finais e arrastar-se escusadamente. Sem dúvida, estes senões que João Bastos conhece tão bem como nós, não desmerecem o interesse com que o público e a crítica receberam o segundo original desta temporada — ambos postos pela única empresa que não foi obrigada a fazê-lo. Enfim, acrescentemos a graça do diálogo, o bom espírito sem trocadilhos, o enternecimento sem lágrimas de algumas bonitas cenas — e teremos a girândola de cumprimentos ao autor de um espectáculo que não é brilhante nem sequer perfeito mas que vale por ser português e ter belos tipos do nosso meio.

* Maria Matos compôs um tipo cheio de pitoresco e humanidade, defendendo algumas rúblicas levadas da breca, como aquela em que descreve o aparecimento da Luz e do seu menino. Outra actriz sossobraria. Maria Matos triunfou, com a naturalidade que deu às palavras, ao excoquo da linguagem. O mesmo poderá dizer-se de Benamor, que teve a sua grande noite num papel quasi sempre insípido, para triunfar precisamente, com a sua sensibilidade e humanidade, no momento mais difícil — uma rábula absurda que na sua boca se fez logicamente humana. Ao lado dos dois ilustres artistas, outro brilhou também: Carlos Baptista, que, tendo a seu cargo uma figura excelentemente desenhada, tirou dela o melhor partido. Carlos Baptista é, de facto, um grande e inteligente actor de fantasia prodigiosa. Maria Helena foi a simpática rapariguinha que a peça requeria. Eunice Muñoz, muito bem vestida, cumpriu com a sua graça — estava um bocadinho afónica, não? — João Perry, bem caracterizado, foi desenhado e simpático; António Cruz desempenhou com muita graça um papelinho de «menino bem», e Vital dos Santos, menos taberneiro do que «fadistas», completou o elenco com Erico Braga — sem papel de responsabilidade — Filomena Lima, Maria Bénard, Hortense Rizzo, Humilta de Macedo, Margarida de Almeida, Mendonça de Carvalho e João Silva.

* Os arranjos de cena com um certo cuidado, as marcações nem sempre com o «dynamismo» requerido. Por vezes, as figuras enfileiram à boca de cena ou, então, ficam em vazio, cortando-se umas às outras. E, todavia, uma marcação mais cuidada evitaria esse jogo de figuras.

ESPECTADOR

O Livro do Momento
A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA
Por RAFAEL MARÇAL



A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija FIXINA.

1944. **Boião maior, 15800**
Boião menor, 10800
Vende-se nas boas drogarias, barbearias e outros estabelecimentos. Laboratórios Rudi — Rua S.º Ildelfonso, 29, 1.º — Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., Ltd. — Rua dos Panqueiros, 135-3., Dt.º — Telef. 4 3582.

Um livro que chegará ao coração de todas as mulheres

GUY DE MAUPASSANT



Forte como a Morte

O mais belo de todos os romances de paixão

À VENDA EM TODA A PARTE

Portugal-Espanha

(Continuação da pág. 13)

espanhóis em todos os capítulos. Chegaram ao empate e só não ganharam porque não tinha que ser. E, todavia, Portugal não apresentou, talvez, a melhor formação! Eis o resumo geral do nosso pensamento: trio defensivo que não merece censuras, em linha de conta os «lapses» de onde derivaram os pontos espanhóis.

Nos médios, houve um: Francisco Ferreira, com o trabalho valorizado pela preocupação de construir jogo, procurando dar a bola nas melhores condições. Vinte valores!

No ataque: dois condutores, Rafael e Quaresma, e um concretizador, Peyroteo! No vestíário, após o jogo, manifestámos estranheza a Cabrita pela sua lentidão. Respondeu-nos que lhe doíam os pés, pois as botas eram novas! Comentámo-lo? Para quê?...

Releve-se, finalmente, com plena justiça a boa condição física da turma e a solidez do seu moral. Ainda que não seja tudo — já é bastante! Uma linha somente sobre a arbitragem: demasiadamente espectacular, incompreensível nalguns momentos e, em geral, deficiente tecnicamente.

Cá na terra, pelo que vimos ao sr. Eugène Scherz, há muito melhor!

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



Calendários para 1945

TIVERAM a amabilidade de nos enviar artísticos calendários para 1945, as importantes firmas J. C. Alvarez, L.ª, Companhia de Seguros Europa, Sapec, Vinhos do Porto «Kopk» & C.ª, L.ª, Manuel Guedes, L.ª, Instituto Pasteur de Lisboa, Guilherme Graham J.ª & C.ª, e, ainda, a embaixada inglesa. A todos, os nossos sinceros agradecimentos.

Um bom livro que nos dará um filme emocionante

(Continuação da pág. 21)

O padre Vicente é ainda vivo. Não quis o autor revelar-nos o seu verdadeiro nome, e apenas pudemos obter dele que o apelido desse seu personagem é Semedo. Continua, como sempre, no sul de Angola, no exercício ininterrupto e altruista do seu apostolado. A figura deste missionário, figura central e grandiosa da última reportagem do livro, será desempenhada por António Vilar — que assim terá a mais bela oportunidade da sua carreira de artista.

Manuel de Castro, o prudente moço que aparece na «Pista», chama-se Manuel de Oliveira Júnior e continua a viver no Zaire, fiel à sua paixão pela África. Estudou em Lisboa, no Colégio Francês e no Liceu de Pedro Nunes; apaixonou-se por uma condiscípula, «filha de algo» — e a colega respondeu-lhe com desdenhosa alusão ao sangue africano que ainda lhe corre nas veias. Então, o rapaz deixou os estudos e foi para a África, a ruminar o seu desqóto. Era melancólico, sóbrio, triste e valente.

Fernando de Almeida chamava-se Guedes Emílio, e era filho de um conhecido médico-dentista. Morreu há pouco, em Lisboa.

O capitão Pires de Carvalho e o tenente Vítor Marques são figuras conhecidas do nosso Exército. O segundo faleceu, há poucos anos, no hospital militar do Estado. O primeiro está ainda vivo e desempenha um cargo numa repartição militar. Também vive ainda o sargento Moura.

Macaia, o caçador negro, morreu nas mandíbulas de um jacaré; o pequeno Pinga é hoje cabo numa companhia de Infantaria Indígena, e o seu sonho é vir ver Lisboa!

E aqui têm os leitores a realidade da ficção de «Na Pista do Marfim e da Morte», livro donde o talento de Leitão de Barros conseguirá, por certo, extrair um filme em nada inferior ao trabalho de Ferreira da Costa.

GRANDES E PEQUENOS

(Continuação da pág. 9)

cretamente assegurar — vai encerrado, afinal, o próprio destino do mundo. Em todo o caso, em todos os momentos tem sido repetido que esse conjunto de planos não visa o aniquilamento do povo alemão — mas simplesmente o seu «alinhamento», a sua aproximação, o seu paralelismo com a comunidade dos outros povos. A partir do momento em que fosse possível atingir-se esse destino, teria desaparecido a razão de diferenciação, teria de novo desaparecido o que, há um quarto de século, se chamava o espírito de Versaillies e, em sua troca, reapareceria o que, nesse mesmo instante histórico, se chamou o «espírito de Locarno», não mais haveria que falar em vencedores e vencidos. Seria — preferível é dizer: será esse o momento em que recomença a colaboração internacional, a altura em que poderá ter, finalmente, aplicação integral a síntese em que Churchill estabelece os justos princípios da organização dos povos: a idêia de domínio totalmente eliminada; a idêia de cooperação sem reserva a presidir a todos os actos, a todas

as iniciativas, a todos os projectos e a todas as realizações. Tantos séculos à procura de uma solução! Estará ela à vista?

J. R. S.

“O dono da casa”

(Continuação da pág. 15)

tals, que são os de Maria Helena, Eunice Muñoz, Álvaro Benamor e João Perry.

— E o meio?

— O nosso... isto é: o dos jornais, o dos artistas, mas sem a venda de processos de construção de celebridades... mais ou menos célebres.

— Carapuças?

— Sim... e não... Bem vê, todos nós temos os nossos pequenos defectos ridicularizáveis... Fora isto — é preciso não pensar em descobrir carapuças!

O Dr. José Ribeiro dos Santos fala-nos, ainda, de Margarida de Almeida, Maria Schultz, Tarquinio Vieira, António Cruz e Armando Ferreira — os restantes artistas da peça — mas, quando perguntamos o que é a comédia na sua essência, responde apenas:

— Não acha que o melhor é ver e crer, como S. Tomé?



A IMPRENSA E A RÁDIO

— Com este desenvolvimento da T.S.F., tenho receio de que os jornais venham a acabar.

— Qual! Com a Rádio não se podem fazer embrulhos...



Para os rapazes belgas, refugiados em Inglaterra, foi criada a escola de pescadores, em Brianham...

A participação das forças belgas na campanha da África Oriental, numa fase da guerra particularmente difícil para os Aliados, foi, como dissemos, notável. Quebrando todos os obstáculos, fazendo face a todas as dificuldades, aquelas forças alcançaram a fortaleza de Saio, cercaram-na e obrigaram a sua guarnição a render-se, em 4 de Julho de 1941. O comandante italiano da fortaleza, general Gazzera, entregou-se, com mais oito generais italianos, às forças sitiantes muito inferiores em número à guarnição de Saio, que era de alguns milhares de soldados e oficiais. Outras unidades do exército belga de África, partindo de Watsa, juntaram-se às forças inglesas e tomaram parte no ataque final conduzido contra Asosa. A sua parte os belgas fizeram mais de quinze mil prisioneiros, de tropas italianas e indígenas, dispondo de efectivos numericamente muito reduzidos.

A contribuição material do Congo Belga para o esforço de guerra comum foi notável. O mérito dessa contribuição foi tanto maior quanto é certo que ela teve de ser dada numa altura em que a economia local atravessava uma crise de reconhecida gravidade. O Congo estava, por um lado, privado de fazer seguir os seus produtos para os principais mercados importadores que até então haviam alimentado a sua economia, e por outro encontrava-se praticamente decapitado, por falta de ligação efectiva com os organismos de direcção da metrópole.

Apesar disso, a crise pôde ser debelada e para isso contribuiu bastante a acção rápida do Governo belga de Londres, o qual procurou dominar a situação, impedindo, por uma série de medidas energéticas e oportunas, que ela se agravasse. O papel desempenhado pelo governador geral, Rykman, para a realização desse objectivo foi uma das causas que justificaram o êxito da participação belga na guerra.

Durante a fase mais grave para a estabilidade dos Aliados, aquela que se seguiu à queda da França e precedeu a entrada dos Estados Unidos na luta, o Congo Belga realizou uma missão de primeira ordem, podendo sem exagero afirmar-se que ela contribuiu poderosamente para a realização da vitória.

A COOPERAÇÃO ECONÓMICA DO CONGO BELGA

A cooperação económica do Congo Belga passou por duas fases. Antes da intervenção activa dos Estados Unidos no conflito (participação apressada pela agressão japonesa em Pearl Harbour), o Congo produzia, sobretudo, ouro em grandes quantidades. Foi esse ouro que permitiu à Grã-Bretanha e aos seus aliados da primeira hora manter a paridade dos câmbios e realizar, nos países neutros, as compras gigantescas impostas pelas exigências da luta.

A segunda fase da participação económica do Congo iniciou-se com a entrada dos Estados Unidos no conflito. Os Aliados procuravam então conseguir recursos materiais para substituir os elementos essenciais à condução da guerra que haviam perdido, com a ofensiva nipónica, na Malásia, nas Índias holandesas, nas Filipinas e na Indo-China.

Em Junho de 1942 foi assinado um acórdão comercial entre os governos inglês e belga que previa a entrega dos seguintes produtos: caucho, tungsténio, juta. Essa entrega deveria ser feita ao longo de um período de doze meses. Ao mesmo tempo as compras de cobre no Congo Belga aumentaram extraordinariamente, passando de 120 a 140 mil toneladas, e as entregas de algodão aumentaram igualmente de mais de cinquenta por cento. Estas últimas atingiram, no fim de 1942, o valor de 90 mil toneladas. Além das 25 mil toneladas de óleo de palma, previstas em contratos

anteriores, o Governo britânico, com a assinatura do acórdão comercial de Junho de 1942, adquiriu mais de 10 mil toneladas de óleos de qualidade inferior. Simultaneamente, todo o estanho e todo o volfrâmio que se produziam no Congo Belga passaram a ser enviados para os portos ingleses. O valor das exportações aumentou assim extraordinariamente. Em fins de 1942 as exportações do Congo Belga eram representadas pelos seguintes números: cobre, 144 mil toneladas; ouro, 19 mil quilos; óleo de palma, 25 mil toneladas; óleos inferiores, 50 mil toneladas; copal, 7 mil toneladas.

OS RECURSOS DO CONGO POSTOS À DISPOSIÇÃO DOS ALIADOS

Mais tarde, o Governo belga de Londres concluiu, igualmente, um acórdão económico de grande importância, nas linhas gerais do que concluíra com a Grã-Bretanha, com o governo dos Estados Unidos.

Os recursos que o Congo Belga pôde assim pôr à disposição dos Aliados eram numerosos e valiosos. Trata-se de um dos maiores produtores de ouro de todo o mundo, e é conhecida a importância que este metal adquiriu com a guerra actual, sobretudo depois de 1941. O Congo é também o quinto país produtor de cobre em todo o mundo. A produção de cobalto naquela colónia belga aumentou extraordinariamente. A criação de uma grande fábrica em Kolwezi permitiu a exportação anual de 40 mil toneladas deste minério.

Entre os metais produzidos no Congo Belga, e que foram utilizados no esforço de guerra aliado, devem mencionar-se ainda o estanho (quatro a cinco mil toneladas exportadas), a platina e outros. A perda da Malásia, das Índias holandesas, do Sião e da Indo-China só pôde ser compensada em matéria de fornecimentos de metais, graças ao concurso decisivo do Congo Belga e ao trabalho afinado dos seus habitantes.

Em relação ao estanho, basta dizer que em 1939 foram exportadas 1330 toneladas, e que em 1940 este número tinha subido para 9732. Em 1941 a exportação de estanho estava em 18 mil toneladas. A colheita do algodão sofreu também um aumento enorme. Em 1939 foram colhidas 40 mil

HISTÓRIA da nova GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXVI PAÍSES OCUPADOS—BÉLGICA

toneladas. Este número subiu, em 1940, para 45 mil, e em 1941 para 47 mil. A exportação da juta já se cifrava em fins de 1942 por alguns milhares de toneladas.

Quanto à platina trata-se de um metal de produção tão limitada e de tão largo consumo nas indústrias de guerra que a perda dos mercados do Extremo Oriente poderia traduzir-se por consequências delicadas para os Aliados se não fosse a produção do Congo Belga que remediou aquele inconveniente.

A ACTIVIDADE COMERCIAL E INDUSTRIAL DO CONGO

Ao lado da exploração das suas riquezas naturais é indispensável, tratando-se de resumir a importância da contribuição do Congo Belga no esforço de guerra comum, citar o trabalho excepcional das suas indústrias de transformação, especialmente as indústrias químicas e têxteis. Em 1938 o Congo produzia apenas 13 mil toneladas de ácido sulfúrico, 50 mil quilos de glicerina e 400 toneladas de chedite. Depois do início do conflito esta produção marcou progressos constantes. Trabalhando a pleno rendimento, as indústrias químicas locais aumentaram a produção em termos de satisfazer as exigências da condução da guerra no Congo, e auxiliar a condução da guerra no resto do continente africano.

A indústria têxtil marcou também, com a guerra, uma evolução acentuada. A sericultura, que ali era praticamente desconhecida, começou a prender a atenção das autoridades do Congo, de tal maneira que passou pouco tempo depois da queda da França, já ali se fabricavam paraquedas para a R.A.F.

No aspecto comercial deve assinalar-se o valor que da intensificação de relações comerciais com a África do Sul resultou para o esforço de guerra aliado naquele continente. A troca de produtos agrícolas por produtos manufacturados permitiu ao Congo Belga manter a sua economia num nível bastante elevado, a fim de poder corresponder às exigências crescentes dos Aliados.

O Governo belga, que se instalou em Londres depois da derrota militar na metrópole, presidiu, em todas as circunstâncias, a este esforço cuja importância é desnecessário encarecer. Os seus peritos económicos e os seus técnicos desempenharam um papel de primeiro plano na organização racional da economia do Congo. A exploração dos recursos naturais, a fiscalização rigorosa da qualidade dos produtos e a escolha de mercados adequados foram realizações técnicas de valor incalculável para que o Congo Belga pudesse prestar à causa dos Aliados um concurso decisivo.

(Continua)



Um aspecto da vida indígena dos congoleses, grandes caçadores. Aqui os vemos na operação de esfolar uma peça de caça, cujas peles depois tratam para exportação.

Obras de
MARY LOVE

Ultimos romances saídos:

Saías de tarlatana

Ela e eu

CADA VOLUME 12\$00

Outros volumes à venda:

A idade de amar

Anie a preceptora

O segredo de Carla

Serás rainha

Minha mulher é um homem

Quem mora naquele moínho

O meu noivo tem um tio

Olhos de porcelana

Uma mulher nasceu

O Sr. Dr. acusa

A mulher comprada

O teu marido sou eu

Quando o passado voltou

Eu sou a mãe

Casei com uma actriz

Entrou-me um coração pela janela

Sou uma mulher vulgar

O mundo somos nós dois

Achei o meu coração

Troquei a minha mulher

Venho dos braços da vida

Se eu fôsse a luz dos teus olhos

A mulher de meu pai

Sou um seu criado

Divórcio

Rapsódia

Eternamente

Canto da primavera

Já era assim há 100 anos

CADA VOL. BR. 10\$00

★

Em tôdas as livrarias

Pedidos à Livraria Editora

Guimarães & C.ª

R. da Misericórdia, 68

Nascimento e Vida do baile espanhol

(Continuação da pág. 5)

todos os grandes nomes dos cartazes e dos «écrans» que nos habituámos a decorar.

Mas nem por serem já consagrados artistas os bailarinos e cantantes célebres abandonam os seus «maestros». Findas as suas «tournées» voltam às academias a fim de renovarem reportórios já estafados, pois que os «maestros» além de professores são também compositores.

E toda a grande teoria de artistas espanhóis de nome internacional como Miguel de Molina, Carmen Amaya, que presentemente enlouquece Nova-York, Império Argentina, tão querida do nosso público, Estrellita Castro, o Trio Alonso, que deliciou Lisboa, Vicente Escudero, Gracia de Triana, Marijetinita, a linda e gentil Brazalena, Pepe Ballesteros, Rosita Duran e tantos outros, passaram pelas academias madrilenas.

Entre as muitas academias populares de Madrid, a de Monreal conta-se entre as primeiras. Pertencem ao seu arquivo as fotos que inserimos.

LUIZ QUADROS



Uma cena empolgante da super-produção «A Canção de Bernadette» que, em segunda semana, está sendo exibida em Lisboa e que tem sido um dos grandes êxitos cinematográficos da temporada. Neste filme, tem uma actuação extraordinária a genial actriz Jennifer Jones, 1.º Prémio da Academia.

Eu conheci "Madame" Daudet

(Continuação da pág. 3)

certa vez, perguntou-me na sua voz um pouco fechada e cheia de notas graves:

— Então, donde acaba de chegar?

— De Sofia...

— Sofia! Acaso encontrou alguns traços do senhor de Lamartine?

— Sim, em Plovdiv, visitámos a casa onde é, tão doente, se curou com os doces de rosas...

— Ah! Sofia, o Oriente! Eram o sonho do sr. Victor Hugo. Aqui mesmo, nesta casa, muitos projectos fêz, impossíveis de realizar! E esse pobre senhor Zola quanto desejava também fazer uma grande viagem... Mas se o dinheiro nunca lhe chegava...

Lembrei à senhora Daudet que éle, entretanto, muito ganhava com a sua pena, e ela confirmou:

— Sim. Ele, de resto, era um pouco irritante, falava muito das suas tiragens mas tinha uma sobrinha que adorava, casada com um senhor que se encarregava de dissipar o dote da mulher. Um dia, Zola teve de queimar as cadeiras para aquecer uma pinga de água para fazer a «toilette». Ora aí está, ao que ficou reduzido este pobre Zola. O sr. Daudet e o sr. Taine muito lhe pregavam aos ouvidos...

Não sei se as recordações da «madame» Alphonse Daudet seriam absolutamente exactas. Limite-me a repetir uma das suas últimas conversas, mas ela dizia com tal acento o sr. Victor Hugo, o sr. Daudet, o sr. Taine, que era fácil acabar presa desse passado tão vivo para todos nós. E, então, quando a porta se abriu, sempre eu julgava que era para dar passagem a um «sr. Victor Hugo», a um «sr. Daudet» — porque ela nunca falava de seu marido, sem ser neste tom cerimonioso.

Mas, não, nunca era um déles que entrava. As vezes, era Madame Simone, a grande actriz, esposa de Porché e prima de Julien Benda.

Entrava muito viva e perguntava:

— Como está, minha querida? Edmée, ofereça-nos chá...

E começava, então, um rosário de anedotas, contadas por Madame Simone, que regressava de uma «tourné» pela provincia...

Madame Daudet sorria, com os olhinhos abrigados nas suas grossas pálpebras. Atrás dela, o filho Lucien, que nunca a abandonava:

— Não tem frio, minha mãe? Não está fatigada?

Beijava-lhe a mão:

— Acho que não será prudente sair amanhã, com este frio...

— Como tu quiseres! (e, voltando-se para os presentes): Bem vêm, sou uma mãe obediente. É tão bom para mim... Todas as noites vai ver-me ao quarto, para saber se preciso de alguma coisa...

«Madame Daudet já não existe»...

Revejo-a alguns anos antes, assistindo aos ensaios da «Sapho», com Cecile Sorel.

— Penso, Madame, que o sr. Daudet preferiria, aqui, um pouco mais de energia...

Cecile Sorel inclinava-se, recomençava, trabalhava como uma grande artista...

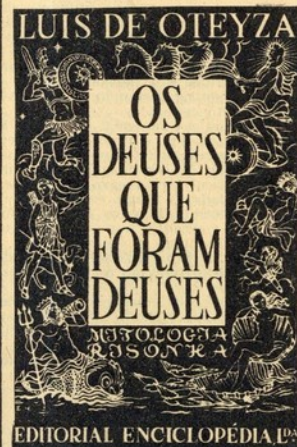
Vejo-a, ainda, em casa de sua filha, Edmée, em Neuilly, sempre ao lado de Lucien. As muitas visitas vão cumprimentá-la. Dessas, poucas restam... Madame de Noailles chega: é o melhor momento do dia...

«Madame Daudet já não existe»...

Morreu no mês de Março de 1940. O seu salão foi encerrado. Foi todo um recanto de Paris que desapareceu com ela...

RENÉE DE CHARMOY

O MAIS SINGULAR.
O MAIS ATRAENTE...
O MAIS IMPREVISTO
DE TODOS OS LIVROS...



EDITORIAL ENCICLOPÉDIA

À VENDA EM TODA A PARTE

Pedidos aos editores:

RUA ANTÓNIO MARIA CARDOSO, 33
LISBOA



Cacilda Figueira

AV. ORIENTAL, 20, 3.º, Esq.
(Junto das Avenidas: Fontes, Pereira de Melo e António Augusto de Aguiar)
Tem elevador Telef. 40909

CHAPÉUS * ALTA COSTURA

H

Às pessoas que não gostam de ouvir as notícias lidas ao microfone. Aham que o «aparelho», que custou tão caro e gasta tanta electricidade, só serve para os batucos de «jazz-band» e para o dedilhar do fadinho. Mas se o locutor anuncia uma palestra, uma crítica ou notícias — xás, desligam logo. O que se quer é música — e música que não faça sono. Felizmente, que nem todos pensam assim. A rádio e o jornal têm funções idênticas no campo noticioso: orientar e informar o público. Evidentemente, a rádio pode — e deve mesmo — dar o acontecimento com maior prontidão. Na capital, os «placards» põem a população de sobreaviso — e quando a rádio vem anunciar, já a nova correu de boca em boca. Mas na provincia? Ai, uma edição de jornal leva bastante tempo a chegar — e a rádio está em todo o lado, pronta, servindo o público com a sua prodigiosa rapidez. Porém, a rádio tem que ser síntese — o jornal o pormenor. É por isso que, ao contrario do que se possa supor, estas duas entidades se completam. A rádio até estimula. Dá a noticia alvissareira, chama a atenção do público, deixa-o ficar suspenso, hesitante. Depois chega o jornal — e cada um tira conclusões, lê e relê com a tradicional mania de descortinar entre linhas o que o jornalista não quis dizer.

Este inquérito não pretende marcar posições — os que são pela rádio e os que são pelo jornal. Cada um dirá, pois, de sua justiça.

MEIO MUNDO À PROCURA DA RAZÃO...

DIGA SÓ =

NOTÍCIAS PELA RÁDIO OU NO JORNAL?



FREDERICO PAVÃO OUVE A RÁDIO, MESMO A TRABALHAR E LÊ SEM- PRE OS JORNAIS...

O gabinete de Frederico Pavão — um dos administradores da Sociedade Nacional de Tipografia — tem o ambiente moderno, como convém a um jornal que é sempre novo e vivo, pela agitação que faz à sua volta. Frederico Pavão, porém, é um administrador calmo que, continuamente, está em todas as secções do «Século» — sem precisar de se levantar da secretária.

— Eu acho — responde à nossa pergunta — que a rádio é um belo auxiliar do jornal. Habituei-me a ouvi-la, mesmo a trabalhar — e não me importuna nada.

Realmente, numa mesa ao lado, Frederico Pavão tem um bellissimo aparelho. E prosseguindo:
— No entanto, não dispense os jornais, para os ler calmamente, tirando conclusões que o noticiário da rádio, rápido e breve, não deixa reter.



O LOCUTOR D. JOÃO DA CAMARA SÓ GOSTA DE LER NO JORNAL AS NO- TÍCIAS BOAS...

Na «Brasileira», D. João da Câmara, locutor da Emissora, numa roda de amigos, não fica surpreendido com a pergunta. Ele responde, amavelmente: — Conforme. Se a noticia é boa, gosto de saboreá-la no jornal, lê-la muitas vezes. Se pelo contrario, é má, então prefiro ouvi-la na rádio por ser mais rápida e poder mais facilmente ser esquecida. As palavras no ar são como as que são escritas. Talvez porque vivemos em má época, prefiro agora não ler jornais e contentar-me com as noticias que eu próprio dou aos outros. Logo que acabo o noticiário, cumprio o sagrado dever de esquecer o que disse, e, assim, consigo olvidar-me e julgar que as coisas não vão tão mal como os outros dizem.

MERICIA DE LEMO PRE- FERE O JORNAL MESMO LIDO NA CAMARA



A poetisa Merícia de Lemos dedica-se também às antiguidades, ali na galeria «Calendar», onde se têm feito algumas exposições, e que é um ninho de arte que em boa hora Merícia celebra.

— Gosto tanto de ler o jornal de manhã na mesma... quando não diz nada. A rádio prefiro-a para ouvir música ou as boas «blagues» do Mata, do Fernando Garcia, do Pedro Moutinho e do Olavo. Duas vezes no ano ligo a telefonia especialmente para ouvir noticias. Pois recebo sempre más noticias. Quer pelo Natal, quer pelo Santo António, o número que onunciaram nunca, nunca, foi o meu! Até hoje, claro... Sabe-se lá se em Junho próximo a rádio atira para o ar o meu número!

O CAPITÃO AFONSO DE CARVALHO SÓ GOSTA DA RÁ- DIO PARA OU- VIR MÚSICA...



O capitão Afonso de Carvalho, oficial do exercito e que, pelas suas funções, anda ligado à vida intensa dos jornais, sorriu quando lhe perguntámos a sua opinião.
— Se gosto de ouvir as noticias na rádio? Não. A rádio, para mim, só em música. Só a leitura me satisfaz quer se trate de uma pequena local, quer de uma grande reportagem...

CARLOS D'ORNELAS P R E F E R E O J O R N A L



FALA agora Carlos de Ornelas, jornalista, director da «Gazeta dos Caminhos-de-Ferro», homem activo, do Sector 1 — e alma do Grupo «Os Carlos».

Carlos de Ornelas — é uma colectividade em péso; sózinho, é uma direcção — a falar é uma assembleia geral. Encontrámo-lo no Chiado, bem disposto como sempre, um Carlos optimista, capaz de comprar o Palaco para sede do seu querido grupo.

— Prefiro o jornal! Não é uma questão de hábito. É que a rádio deixa-me sempre uma incerteza, uma dúvida, que só se dissipa com o jornal à frente, desdobraado. Bem vê: a função da rádio é dar-nos a noticia curta — pelo ar. Agora o periódico traz-nos tudo escrito. E ver e crer — como S. Tomé...

O EDITOR RAUL DIAS ESPERA QUE SE INVENTE OUTRO PROCESSO DE SABER NOTÍCIAS



R AUL Dias tem hoje uma actividade prodigiosa, pois duas livrarias e uma casa editora dão bem que fazer a um simples mortal. Mesmo assim, num curto intervalo, ainda arranjou tempo para nos responder:
— Há pessoas que lêem jornais e não ouvem a rádio, e outras que ouvem a rádio e não lêem jornais. Aguardemos, portanto, que se invente uma terceira forma de dar noticias para os que não lêem jornais nem ouvem a rádio...
— Como assim?
— Quero dizer: isto é para os outros. Por mim, oiço a rádio e compro o jornal.

Podíamos continuar indefinidamente este inquérito. Crêmos, porém, que não chegaríamos a melhor conclusão: as opiniões dividem-se mas o prestigio da folha impressa mantém-se!



UMA DECLARAÇÃO DE SAMUEL GOLDWYN

INTERROGADO pelos estudantes da Universidade de Oxford, sobre se produziria algum filme destinado a exaltar o esforço da Grã-Bretanha na conflagração actual, Samuel Goldwyn, o famoso cineasta americano, respondeu categoricamente:

— O público está cansado de filmes de guerra. E precisaremos, pelo menos, de cinco anos de paz para podermos realizar bons filmes sobre a tragédia que o mundo vive.

E acrescentou:

— Agora só interessam os filmes de «evasão», que distraem os espectadores das negras preocupações da hora que passa.

Poucas vezes um magnate da Cinelândia terá pôsto um problema com tamanha franqueza e tão grande propriedade. O público está cansado, de facto, dos desembarques nas costas da França, das proezas dos comandos, dos assaltos às praças douradas do Pacífico, dos bombardeamentos aéreos — que o cinema, nas actualidades e nos filmes de ficção, lhe vem apresentando de há cinco anos para cá. Os próprios soldados pedem que lhes mandem filmes, desde que não sejam histórias verdadeiras ou fictícias da luta que travam nas diversas frentes.

A tela está saturada de propaganda, de epopeias mais ou menos clangorosas, de filmes de exaltação mavrótica. O cinema parece ter esquecido a sua função primordial de espectáculo e de diversão.

Depois, a guerra caminha vertiginosamente e os filmes são ultrapassados, muitas vezes, pelos próprios acontecimentos. Os desembarques na Normandia ou no norte de África, glosados, melhor ou pior, em dezenas de filmes que estão anunciados, têm, quando muito, o interesse das actualidades retrospectivas.

«Precisaremos de cinco anos de paz para fazer bons filmes sobre a actual conflagração», declarou Samuel Goldwyn. É a lição do que se passou com a outra guerra, que assim o faz falar. A «Patrulha da Alvorada», «Nada de Novo na Frente Ocidental», «Quatro de Infantaria» e tantas outras películas célebres sobre a guerra de 1914, só apareceram muitos anos volvidos sobre o armistício. É necessário deixar acalmar o fragor das paixões para, depois, com serenidade e segurança, produzir obras dignas de um tão grande tema, que durante mais de seis anos vem apaixonando a humanidade inteira.

A situação, em Hollywood, aliás, aconselha a prudente declaração de Goldwyn. A guerra afectou prodigiosamente o cinema, que hoje luta com restrições de toda a ordem, desde o racionamento da película virgem até à falta dos técnicos competentes, afastados dos estúdios pelos deveres militares, algures no Ultramar.

«O mundo está cansado das produções sobre a guerra — e pede, acima de tudo, filmes de «evasão»! Proferidas por Samuel Goldwyn estas palavras são como que uma ordem de virar de rumo, na nau imensa da cinematografia americana.

Que os fados lhe sejam propícios!

FERNANDO FRAGOSO

U

Marinheiro para duas — ou duas para um marinheiro! Robert Walker pode considerar-se um homem feliz, no meio dos dois «benjamins» da Cinelândia: Glória De Haven e June Allyson. E se o leitor duvida, imagine-se, por um instante, no lugar dele... Esta trindade, que figura à cabeça do elenco de «Two Girls and a Sailor», tem a caracterizá-la a sua prodigiosa mocidade. Nenhum deles ultrapassou ainda os vinte e um anos. E já são célebres, com um futuro brilhantíssimo à sua frente. Artistas completos — representam, cantam e dançam! — vão dar que falar nos próximos filmes musicais.



O's Fotógrafos Indiscretos da Cinelândia

Os fotógrafos indiscretos são o terror das vedetas de Hollywood. Quando menos esperam, «click» — e pronto!... Não há nada a fazer. O público americano adora as «candid-photos», que lhe revelam as estrelas tais como são na vida real, fora das comédias e dos dramas que vivem no «écran». E quantas arrelhas, quantas insinuações desagradáveis sofrem as vedetas, por causa dos fotógrafos indiscretos da Cinelândia. Aqui

têm três instantâneos típicos. A primeira, à esquerda, Ann Miller e o seu noivo Blake Gardner. Ao meio, George Raft beija Betty Grable, no dia do seu aniversário. Betty ostenta, na mão direita, o anel que lhe ofereceu como prenda de anos. Na última, à direita, Mischa Auer, o popular cómico, faz a corte a Joyce Hunter, muito embora as expressões de qualquer deles estejam longe de ser a de dois apaixonados.



Aos 20 anos, Ferreira da Costa era assim — e vivia embriagado no seu sonho africano de audácia e aventura, sem pensar, sequer, que volvidos quasi outros 20 anos, essa arrojada «experiência» da sua mocidade lhe granjearia um retumbante êxito literário.

UM BOM LIVRO QUE NOS DARÁ UM FILME EMOCIONANTE QUEM SÃO NA VIDA REAL, OS PERSONAGENS DE "NA PISTA DO MARFIM E DA MORTE"?

FERREIRA da Costa estreou-se como escritor já em plena idade madura — e estreou-se de maneira a comprovar a verdade do adágio que diz: «nem por muito madrugarem amanece mais cedo». Tendo começado «tarde», chegou a tempo, pois o seu primeiro livro foi o maior êxito da literatura colonial registado até hoje neste país imperial. Ferreira da Costa, já conhecido como brilhante jornalista, deixou passar os quarenta anos para nos dar o seu primeiro livro — «Na pista do marfim e da morte» — e obteve com ele não só o maior êxito da literatura colonial como também um dos mais retumbantes êxitos literários dos últimos tempos. Dêse livro — cuja 6.ª edição aparecerá em breve — vai ser feito um filme. Isto já o público sabe. O que talvez não saiba é que todos os personagens dessas apaixonantes reportagens existem ou existiram realmente; e o que não sabe com certeza é a identidade que na vida real têm ou tiveram os personagens do livro de Ferreira da Costa.

Antes de mais nada importa registar que este escritor que se impôs definitivamente ao público com o seu primeiro livro, o conseguiu porque foi sincero e verdadeiro na sua obra. A par da beleza literária de certas descrições, o que assombra no livro de Ferreira da Costa é a escaldante e dura verdade que dele transpira. E isto é tão raro entre nós, agora... O autor viveu, sentiu e sofreu a África que nos descreve; na sua mocidade ardorosa andou pelos sertões de que nos fala, lutou com as feras a que se refere, teve mais que uma vez a vida por um fio nas contingências estranhas e dramáticas que enchem o seu trabalho. Nessas paragens queimou a sua juventude, desfez os seus sonhos, deu a sua vida inteira em generosidade e galhardia, em audácia e em quimeras. Por isso o livro traz esse perfume forte da verdade — por isso o público o disputou, tão acostumado está a que a sinceridade ande longe de tudo quanto lê...

Falámos com Ferreira da Costa e soubemos, não só a verdadeira identidade dos personagens do seu livro, como também quem são os actores que incarnarão essas figuras no filme que da sua obra vai ser extraído.

«Limatão», o experimentado caçador do Zaire, chamava-se Raúl de Oliveira e a sua descrição no livro corresponde inteiramente à realidade. Era irmão de uma artista que se tornou muito conhecida na «Canção de Lisboa» e morreu trucidado pelas patas de um elefante. A sua figura será interpretada por Raúl de Carvalho.

André da Silva, o «Falta de Ar», chamava-se, na verdade, Ernesto Alves Marques e era conhecido por aquela alcunha. Era natural do Porto e morreu como «Na Pista» se conta.

(Continua na pág. 18)

PLANOS DE MONTAGEM

Ainda não se sabe concretamente, qual será o próximo filme de Jorginho Brum. As probabilidades distribuem-se, igualmente, por «Ladrão, precisa-se...» e «Recompensa».

* E «Missão Branca», segundo o romance «A Pista do Marfim e da Morte», de Ferreira da Costa, continua a figurar no número dos projectos de Leitão de Barros. Entretanto, o realizador de «Inês de Castro» colaborará, como director, com António Lopes Ribeiro no filme «O Trinca-fortes», que este vai produzir.

* Armando de Miranda começou as filmagens de «José do Telhado». Cumpriu-se, deste modo, a profecia. O primeiro a iniciar as tomadas de vistas iria forçosamente prejudicar os outros projectos de filmes sobre o famoso bandoleiro. Lopes Ribeiro, com efeito, desistiu do seu «José do Telhado», que, na versão de Armando Miranda, terá Virgílio Teixeira como protagonista. A rodagem das cenas exteriores começará em breve no Norte, no próprio cenário das aventuras de José do Telhado. Jaime Mendes é o autor da partitura, e no

desempenho entram Adelina Campos, Patrícia de Lencastre, Ema de Oliveira, Sara Rafael, Manuel Santos Carvalho, Carlos Leal, Manuel Machado, Soares Correia, Joaquim Miranda e Juvenal de Araújo. Da equipa técnica, além de Armando Miranda, destacam-se Rosa Mateus, Octávio Bobone, Fernando Silva, etc.

* Pensa-se também em levar à tela «Se elas quisessem», de Camilo Castelo Branco.

* A estrela de «Inês de Castro» está marcada para os primeiros dias de Abril, mês em que veremos, possivelmente, «A Noiva do Brasil», que deve suceder na tela do Tivoli a «Desde que tu partiste...», a próxima estrela daquele cinema.

* O argumento do filme «Parques Infantis» é de Frederico Alves. Francisco Mata escreveu o sugestivo comentário que o acompanha.

* No Tivoli estreou-se, há dias, com grande êxito «A Canção de Bernadette», um filme cheio de união, poder dramático, excelente de técnica e cuja intérprete, Jennifer Jones, mereceu o 1.º Prémio da Academia.



Neste grupo vê-se a equipa de caça completa. Dois homens brancos: o autor da «Pista» e, à esquerda, o seu mestre caçador, Raúl de Oliveira, o «Limatão». O primeiro negro da esquerda é Mucala; o quinto, o que ia ficando trucidado pela pacaça; e o garoto de blusa branca é o «Pinga», hoje cabo de infantaria.



PASSATEMPO

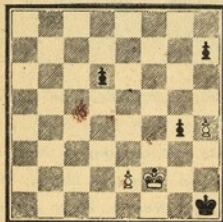


DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

XADREZ

ESTUDO N.º 16
Por H. Rinck



Jogam as brancas e empatam.

SOLUÇÃO DO ESTUDO N.º 15

1. e4, fxc; 2. f5, Rd5; 3. Rd2, Rxe, 4. f6 e ganham (se 2... Rd3; 3. f6, e3; 4. Rd1 e (ganha) se 1... Rxd4; ee e x f, Rd5; 3. Rd2 e ganha.

PARTIDA DE XADREZ

(Jogada no Torneio Internacional de Madrid, de 1943)

Abertura espanhola — Ataque Worall

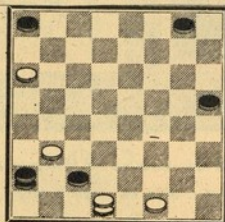
Branças		Pretas	
Keres		Sämisch	
P4R	1	P4R	
C3AR	2	C3AD	

A5C	3	P3T	
A4T	4	C3AR	
O-O	5	A2R	
D2R	6	P4CD	
A3C	7	P3D	
F3A	8	A5C	
P3T	9	D1A	
P3D	10	C4T	
A5C	11	P3T	
A1A	12	O-O	
A x C	13	A x A	
P4TD	14	C3A	
D3R	15	C1D	
C3T	16	O-O	
P x P	17	P x P	
C2T	18	A4C	
D3C	19	A5A	
D4T	20	A x A	
TR x A	21	A x C+	
R x A	22	C3R	
C2A	23	D1D	
D3C	24	D4C	
D x D	25	P x D	
P4D	26	F3A	
P3AR	27	R2A	
R3C	28	T(1A)1D	

Empatado.

COMPOSIÇÃO N.º 48 (Final artístico)

«La Provincia», 8/3/1945
(Las Palmas — Espanha)
Lema «Lustada XIII»



Jogam as brancas e ganham.

1.º «MATCH» INTERNACIONAL DE «DAMAS» POR CORRESPONDÊNCIA

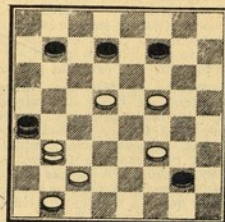
O jornal «La Provincia» oferece uma taça de prata à equipa vencedora, e a Federação «Damista» Canária oferece seis medalhas aos seis vencedores.

Aprovetamos a oportunidade para rectificar os nomes de três «damistas» espanhóis, que saíram truncados e que devem ser: Mamerto Rodrigues, Eutiquiano Hernandez e Javier Rodrigues Puig.

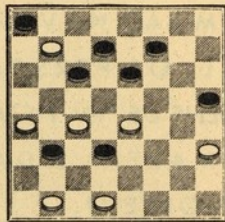
(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 14

Por Guilherme Eusébio da Florência (Nazaré)



Mate em 6.



Jogam as brancas e ganham.

palavras CRUZADAS

PROBLEMA N.º 10 (Concurso)

Por José Lourenço dos Santos (Vila Real)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Espécie de tatu; pressa. 2 — Soslato; fôlha de pinheiro. 3 — Pulo; sensual. 4 — Verbal; nome de homem; desgraça. 5 — Defeito; planta amarga; margem. 6 — Pelo contrário; visceras; combater. 7 — Das musas; comida. 8 — Cotovêlo; ódio. 9 — Talento; água. 10 — Regra; direito; intriga. 11 — Argola; odorífero, mealheiro. 12 — Ventania; espécie de animal carnívoro; constelação austral. 13 — Arriscar; tremer com frio. 14 — Sectário do arrianismo; publicar. 15 — Margem; navegador.

VERTICAIS: 1 — Qualquer esfera ou bola; silêncio. 2 — Espécie de fandango; anca do cavalo. 3 — Miséria; vaso para vinho. 4 — Pantano; anão; agarrar. 5 — Saldiação; estúpido; bigorna de ourives. 6 — Reserva; vazio; nome de mulher. 7 — Emendar; grande jacto. 8 — Borboleta diurna; praga. 9 — Acucena; fortuna. 10 — Guia; protóxido de cálcio; recurso. 11 — Espécie de bol selvagem; o que se serve do nome de outrém; gracejar. 12 — Guerra; feroz; tira. 13 — Amor; lapidar. 14 — Gastar; venerar. 15 — Rezar; ajeitar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 (Concurso)

HORIZONTAIS: 1 — Ama. 2 — Amota. 3 — Amorosa. 4 — Solar; largo. 5 — Atacora. 6 — Adiro. 7 — Ata. VERTICAIS: 1 — Amorada. 2 — Amata. 3 — Ala. 4 — Rumor; citas. 5 — Atolara. 6 — Asaro. 7 — Ara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8

10-13	4-7	1-5	24-28
17-10	3-12	10-1	1-19
28-31	31-24-15-8	11-15	8-19
19-28	21-17	26-12	P.

CAMPEONATO POR CORRESPONDÊNCIA, DE 1945

(Continuação)

Série H — Luis de Oliveira (Lisboa), José Correia (Beja), José Baptista Afonso (Caminha) e Mário Matos Neves (Ovar).

Série I — Carlos Pereira (Lisboa), Manuel Luis Pires Júnior (Melgaço), Joaquim Alberto Coelho (Odemira) e António Catarino Borges (Pórt).

Série J — Jacinto Castelo Branco Parreira Lança (Beja), Dr. João Pais (Ovar), Germano Augusto dos Santos (Pórt) e Abelar Alvarez (Lisboa).

Série I — Manuel Pinto da Silva (Pórt), Jorge Galamba Marques (Castanheira de Pera), Luis Gaspar (Chamusca) e José Ribeiro da Silva (Rebordões — Santo Tirso).

(Conclue no próximo número)

RELATÓRIO DO CONCURSO DE COMPOSIÇÃO

1.º Parte — Problemas

(Ao meu illustre amigo e sr. Augusto Teixeira Marques)

Com a demora e a ponderação necessárias a quem pretende, como eu pretendi, agir com são critério e imparcialidade, venho hoje apresentar-lhe o relatório do Concurso de Composição que, em hora feliz, organizou na sua brilhante secção da «Vida Mundial Ilustrada».

Para a escolha dos 4 melhores problemas, fui procedendo a sucessivas análises eliminatórias, gradualmente mais rigorosas e exigentes, de acordo com o seguinte índice:

a) Novidade do tema; b) Ausência de defeitos; c) Tratando-se de tema conhecido, originalidade na forma de o desenvolver; d) Volume de qualidades; e) Conteúdo artístico.

Antes, porém, de entrar no apuramento, entendo ser oportuno fazer umas breves considerações.

(Continua)

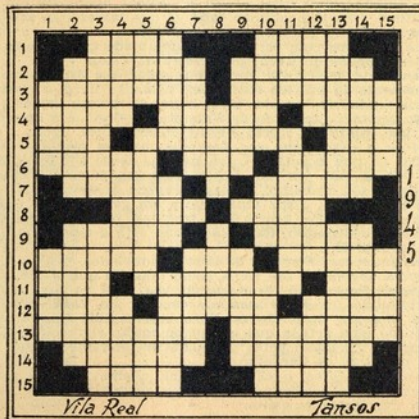
CHARADAS

Solução das charadas publicadas em 1/3/1945

1) Difamar. 2) Carochas. 3) Sambarco.

Solução das charadas publicadas em 8/3/1945

1) Perceve. 2) Lombelo. 3) Piranço. 4) Dentelha.



CREME DO DIA
CREME DA NOITE
MATITE

O creme MATITE, de composição originalíssima, é o creme para tôdas as peles. Penetrando profundamente nos poros e activando a secreção glandular, rejuvenesce a cutis como nenhum outro produto, conservando-lhe um aspecto magnífico e de perene juventude.

LT. PIVER

Para uma camisa chic só

Casanova



O camiseiro
do homem
distinto

Rua da Palma, 69 — LISBOA — Tel. 21457

COMPANHIA ALCOBIA

**FORNECEDORES
DOS MELHORES
E MAIS LINDOS
MOBILIÁRIOS**

CÓMODAS DE ESTILO * PORCELANAS DE SAXE * ESPELHOS DE VENEZA * CANDEEIROS DE CRISTAL, DE FERRO FORJADO E DE MADEIRA * TAPEÇARIAS * MARQUISSETTES E VOILES SUÍÇOS * CARPETES DE LÃ *

★ COMPANHIA ALCOBIA ★

RUA IVENS, 14 (Esquina da Rua Copola) / Telef. 26441 / LISBOA

DETECTIVE

PREÇO
1:50
ANUAL

REALIZAÇÃO LITERÁRIA DE REPÓRTER MISTÉRIO

TERROR!
EMOÇÃO!
MISTÉRIO!
AVENTURAS!
HEROISMO!
CRIMES!
ROUBOS!
NOVELAS!
REPORTAGENS!
INQUÉRITOS!
CONCURSOS!
Tudo e muito mais

NO 1.º NÚMERO DE
DETECTIVE

O GRANDE SUPLEMENTO
POLICIAL DE "VIDA
MUNDIAL ILUSTRADA"



★ VEJA! ★ LEIA! ★ ASSINE! ★

UM LIVRO EMPOLGANTE

FUGIU UMA ESPIA...

Por CHARLES BERRY

VERSÃO LIVRE DE
GENTIL MARQUES

1 VOLUME DA COLEÇÃO

«OS GRANDES ROMANCES
DA GUERRA»

HISTÓRIA AVENTUROSA
DE UMA ESPIA RUSSA:
DRAMATISMO, MISTÉRIO,
EMOÇÃO!



À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS

Pedidos directos: VIDA MUNDIAL EDITORA, L.ª

RUA DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA



PASTA
MEDICINAL
Couto
TRATA TODAS
AS
DOENÇAS DA
BOCA

Medicinal pequena — tubo 10\$50
Medicinal grande — tubo 16\$00
Vulgar pequena — tubo 4\$00
Vulgar grande — tubo 7\$00



composição / Mentolum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs.
Lanolinum Anhydricum 16 grs.



Dr. BENGUÉ, Farmacêutico de 1.ª classe
pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico
de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas.
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

HUMORISMO

UMA HISTÓRIA PARA DOIS...

UM jornal suíço relembra, há tempos, uma curiosa anedota, a propósito da passagem de Leopoldo II por Paris — o avô do actual rei dos belgas, tipo curiosíssimo da Europa do século XIX e que, segundo diziam as más-línguas, se encontrava caricaturado em «O Rei», a peça que, recentemente, se repôs no Trindade.

Mas, vamos à anedota, que foi publicada no «L'evenement», de 8 de Março de 1899. Um certo senhor de barbas brancas, vendo que uma verdadeira multidão convergia para determinado ponto, perguntou admirado:

- Onde vai esta gente toda?!
- Ver o rei dos belgas!
- Só isso?! Ora vale bem a pena!

Deve desde já dizer-se que, quem assim falava, era o próprio Leopoldo, um grande «ponto», muito amigo de trocar do protocolo e fazer partidinhas à sua realeza...

A anedota podia ficar por aqui, porque já tinha a sua graça. Simplesmente — para ser mais engraçada — não deve ser verdadeira, pois, esta mesma anedota, publicada em 1899, já era conhecida em 1800...

O caso passou-se assim: Bonaparte, triunfador das guerras de Itália, estava diante do Instituto, misturado com a multidão, desejosa de aclamar o jovem general. Voltando-se para o vizinho mais próximo, perguntou, então:

- Tanta gente, por quê?
- Para ver Bonaparte.
- Tanto barulho por tão pouco!

E a anedota terminava por informar que a turba, furiosa, tentou linchar o irreverente sujeito que ousava referir-se, tão desrespeitosamente, ao grande herói do dia...



O BARBA AZUL — Cala-te, não sejas estúpida, não sabes que guardet as cartas de racionamento que lhes pertenciam?



A NOIVA DO «BOXEUR» — Meu Deus, éle se calhar achou que esteve muito tempo à minha espera!



— Em primeiro lugar: onde foste buscar o dinheiro para jogar na lotaria?!



— Não, não queremos seguir viagem. Mas digam ao capitão que pode proclamar os banhos...

A MAÇÃ DE NAPOLEÃO

NO intervalo de duas batalhas, o imperador visitou um dos seus pomares. Entre outros frutos magníficos, reparou nos de uma macieira — e disse para o hortelão:

— São bem bonitas. Leva-me duas a casa...
Meia hora depois o trabalhador entregava a Napoleão duas soberbas maçãs. O imperador, enquanto cravava os dentes num fruto, estendeu o outro ao hortelão, dizendo:

— Toma. Esta é para ti.
— Muito obrigado... — e tirando um canivete, pôs-se cuidadosamente a descascar a maçã.
— Isso é para te mostrares mais delgado do que eu?

— Não, «Sire», nada disso... É que uma delas caiu numa esturmielra, e não sei qual é...



O TIMIDO — «Garçon», faça favor leve esta carta ali à minha vizinha do lado...



— V. Ex. viaja apenas pelo prazer de viajar, minha senhora?
— Efectivamente, até ao momento em que o senhor aqui entrou, assim o julguei, cavalheiro!